

TERÁS CORAGEM DE ME PARTILHAR



Ricardo Francisco

**TERÁS
CORAGEM
DE ME PARTILHAR?**

**TERÁS
CORAGEM
DE ME PARTILHAR?**

RICARDO FRANCISCO

2007

Todas as partes desta publicação podem ser reproduzidas ou transmitidas por qualquer forma ou por qualquer processo, electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia, mas se quiserem avisar estão à vontade, segundo os termos da licença.



ESTE TRABALHO ESTÁ LICENCIADO SOB UMA LICENÇA
CREATIVE COMMONS ATRIBUIÇÃO-COMPARTILHAMENTO
PELA MESMA LICENÇA 2.5 PORTUGAL. PARA VER UMA CÓPIA
DESTA LICENÇA, VISITE
[HTTP://CREATIVECOMMONS.ORG/LICENSES/BY-SA/2.5/PT/](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/pt/)
OU ENVIE UMA CARTA PARA CREATIVE COMMONS, 171
SECOND STREET, SUITE 300, SAN FRANCISCO, CALIFORNIA
94105, USA.



FICHA TÉCNICA

Título: *Terás Coragem de me Partilhar?*

Autor: *Ricardo Francisco*

Revisão: *Joana e Rodrigo*

Capa: *Leonardo*

Publicação e impressão: *Lulu.com*

<http://specialone.socialgo.com>
todosdiferentes@gmail.com

ÍNDICE

prefácio..... 13

pre conceito..... 17

in 19

abismo..... 23

o lado negro da força 27

no mais profundo de mim 31

é o teu medo que mais temo..... 35

o espelho da vida 39

luzes de palco..... 43

um por todos e todos por um 49

o fim da linha 53

suicídio..... 57

porto..... 59

um amigo é um bem 63

um tesouro que se tem 67

uma vida, um caminho.....	71
subindo a montanha.....	75
morte anunciada	79

come out..... 83

in - antes de - out.....	85
segundos em horas.....	87
horas em segundos.....	91
ex-aequo	93
quando as portas parecem fechar-se	97
em rede.....	101
enamoramento.....	105
estender a mão	109
oh meu Deus	113

finalmente.....119

marcas de vida.....	121
talvez sim ou talvez não.....	127
out	131

ajudar e ser ajudado133

A Deus

Aos meus pais

À minha família

Aos meus amigos

Aos que me amaram

Aos que me amam

E aos que me vão amar

Dentro de vinte anos estarás mais desiludido com aquilo que não
chegaste a fazer do que com aquilo que fizeste.

Por isso, solta as amarras!

Navega para lá do teu porto seguro

Apanha o vento nas velas

Explora

Sonha

Descobre

*Mark Twain**

* Tradução livre.

prefácio

por Rodrigo Miguel

Lembro-me de dar muita importância às opiniões dos outros sobre mim. Acreditava que os outros tinham elevadas expectativas em relação a mim. Eu tinha de ser o mais responsável, o melhor aluno, inteligente, capaz de resolver problemas complexos de matemática, capaz de tomar decisões, capaz de falar em público, casar com uma mulher fantástica. Eu tinha de ser o melhor, mas sempre muito humilde e simpático. Eu tinha de ter sucesso.

Gosto de acreditar que todas estas ideias pré-concebidas fazem parte do Passado, mas não é verdade. Naquela pequena gaveta sem fundo que guardo no coração, sei que essas expectativas continuam a existir. A grande diferença é que agora sei que fui eu que criei essas expectativas e as coloquei nas pessoas que me rodeiam. Felizmente essa é uma diferença abismal, é a diferença da consciência.

A pressão de todas essas expectativas moldou a minha vida e de forma iterativa a minha vida foi moldando as expectativas. Ainda sou muito responsável, o que me irrita. Fui o melhor aluno do meu curso do Colégio e do meu ano na Universidade. Adoro o processo de decidir. Farto-me de falar em público, apesar de ficar sempre com os intestinos numa desgraça. Casei com uma mulher fantástica. Só os problemas complexos de matemática é que não sou capaz de resolver, a vontade transforma a matéria, mas não exageremos.

A meio desta minha, ainda curta, vida conheci o Ricardo e senti uma grande empatia por ele. As nossas histórias deram várias voltas até que nos reencontrámos num mundo mágico. Uma Associação com um poder especial - sem darmos conta abre-nos a pequena gaveta sem fundo e leva-nos a partilhar o que temos para lá perdido. Assim começaram as melhores conversas que já tive e que tenho. As conversas com o Ricardo. Não são conversas altamente profundas, nem pseudo-intelectuais, nem sequer intelectuais, são simplesmente genuínas, sem segundas intenções, mensagens escondidas, ou pensamentos não partilhados.

Um dia o Ricardo, num dos actos mais corajosos que tive o privilégio de presenciar, entregou-me este livro para o ler. A sua partilha foi avassaladora e mexeu muito comigo. Através dele tornei-me mais consciente de quem sou, do que é mais importante, do essencial.

Fiquei muito contente com a decisão do Ricardo de publicar esta partilha. É cada vez mais raro podermos ler algo tão pessoal

e genuíno. Tenho a certeza que o mundo não ficará indiferente a estas páginas.

Não é fácil ser-se Ricardo Francisco, mas é muito bom conhecê-lo.

Obrigado pela partilha e pela coragem.

Tu és especial.

Em primeiro lugar

[**pre** | conceito]

(De pre- + conceito) *s. m.*, conceito ou opinião formados antecipadamente, sem grande ponderação ou conhecimento dos factos; ideia preconcebida; julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o facto que o conteste; prejuízo; *p. ext.* superstição, crença; prejuízo; *p. ext.* suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc..

(adaptado)

in

Estas palavras foram escritas para cada um dos que, voluntariamente ou não, têm deixado em mim alguma marca, têm contribuído para aquilo em que me tenho tornado, e me têm ajudado a crescer... muitas vezes sem o saberem.

O ponto de partida de tudo isto foi um conjunto de perguntas que fui colecionando ao longo dos tempos e que, timidamente, tentei partilhar. Confesso que com pouco sucesso... Não por responsabilidade deles, mas por minha: tive medo!

É-me fácil apostar que ao chegar à última página deste livro muitas perguntas estarão por responder... Mas existe uma que me interessa desvendar: “porque é que nunca disseste nada, porque é que não partilhaste a tua dor da mesma forma como fazes questão de partilhar a tua alegria?” – A resposta é bastante simples e ao mesmo tempo muito complexa...

Tudo o que eu sei que existe é diferente do que os outros sabem que existe.

Não é assustador?!

A comunicação entre nós é difícil porque vemos e sentimos o mesmo mundo de um modo diferente. Quando o meu pai me perguntava se queria ir com ele “à terra”, acho que ele queria realmente dizer que gostava que eu fosse. E eu tinha de perceber isso sem ele me dizer. Quando a minha mãe me perguntava onde eu ia, não era o meu destino que ela queria desvendar, era a minha vida. Ela queria fazer parte dela, queria que eu a partilhasse, queria ter a certeza que eu a amava... Eu sabia, mas tinha medo. Ela, se calhar, também.

Estes são exemplos das coisas que eu sei! De certeza muito diferentes das que eles sabem. Estas páginas são sobre essas coisas – **As coisas que eu sei**.

Entretanto percebi que gostava de saber as coisas que eles sabem, e que eu não sei.

Percebi também, que não fui corajoso o suficiente para ver quem eles eram realmente e no que se transformavam todos os dias.

Achava que eles eram de determinada forma porque viveram em determinado local e andaram em determinados sítios com determinadas pessoas que também fazem e pensam de determinada forma. As pessoas que são dessa forma fazem coisas e dizem frases, com determinadas palavras, diferentes das minhas. Fazem determinados julgamentos, diferentes dos meus,

que são incompatíveis comigo que penso em outras determinadas coisas... diferentes daquelas em que essas pessoas pensam.

Então, percebi ainda que **não só o que eu sei é diferente do que eles sabem, como o que cada um deles sabe é diferente do que o outro sabe**. Aí nasceu alguma esperança, a esperança de que era mais provável que eles também soubessem algumas das coisas que eu sei!

Essa esperança permitiu-me perceber que todos somos diferentes e que lhes tinha que pedir desculpa. Mesmo sabendo que, como o João diz, não se pede desculpa aos amigos, e que eles são meus amigos, eu sinto que tenho de o fazer porque **eles não eram meus amigos mas amigos do que eu os deixei saber sobre mim**.

Este não é um pedido de desculpa qualquer. É a consequência do impacto que sua existência provocou nas coisas que eu sei – em mim. É um pedido de desculpa por não ter percebido antes o quão perfeitos todos eles são! Não são perfeitos com imperfeições – são perfeitos! São um bocadinho de céu. E eu não vi isso. Pensei que eles, como eu, não eram suficientemente bons. Agora sei que eles são muito melhores do que eu pensava. Por isso, amo-os... e queria que eles também soubessem as coisas que eu sei.

Escrever tem sido a minha forma de libertação, o meu espanta-espíritos, que, como todos os espanta-espíritos, só funciona às vezes, o que é melhor que nenhuma, e pelo menos ajuda! Poderão dizer que é psicológico, mas não é o psicológico também parte de nós?

A numeração dos capítulos é uma escolha. Não é fruto da sorte, nem aleatória, mas fruto do momento. Das palavras que queriam ser ditas, mas não foram escritas. Os capítulos que faltam não faltam, simplesmente perderam o seu sentido e significado para a brutalidade da vida.

Mas tudo isto interessa muito pouco! Importante é toda a vida que tenho à minha frente, cheia de desafios para ganhar, montanhas para escalar, castelos para construir e surpresas para descobrir. E sabem que mais?! Não estou sozinho!

“Vocês estão aí ;-)”

I

abismo

me, myself & I

Só vejo os meus pés.

Estão juntos e tranquilos numa imensidão de azul. Um azul que cria e destrói um branco que não existe. Uma tranquilidade que contrasta com o vendaval que sinto na minha cabeça. Mal sinto o calor do Sol a aquecer o meu corpo, ou o sal que o vento rouba às ondas do mar. A queda é grande. Fatal. Um abismo para o desconhecido. Estou a um passo do vazio. Um vazio que é infinito como o nada onde pode estar qualquer coisa, ou tudo ao mesmo tempo.

Procuro uma corda onde me possa agarrar para voltar a sentir o calor do colo da minha mãe a dizer baixinho: “não chores, vai tudo correr bem” – e quanto mais aperto mais sinto o conforto que me foge entre as mãos. Apetece-me gritar, mas não tenho força.

As perguntas sucedem-se como os pequenos grãos de areia que, lá bem em baixo, deixam fugir toda a água que se aproxima. Será que vou morrer?

É sempre tudo sobre ti, não é? – Ouço uma voz dizer.

A tristeza profunda que sinto sela a minha boca como gelo que se propaga por todo o meu corpo e não me deixa dizer nada, não me deixa pensar... Sinto a fragilidade desse mesmo gelo que pode quebrar a qualquer impacto desfazendo-me em milhares de bocadinhos.

*Sim! **Tu** sofres. **Tu** fazes. **Tu** vais morrer? **Tu** vais viver? Eles gostam de **Ti**? **Tu** fizeste a coisa certa?*

Não é demais?

Um ardor de raiva provoca-me um degelo instantâneo, um ardor que consigo sentir desde os ossos até aos poros da minha pele.

“Quem és tu? O que é que tu sabes? Deixa-me adivinhar, estás com o Senhor? Encontraste a tua paz interior nas montanhas e vais salvar a humanidade da perdição? Oh Senhor todo-poderoso, vais acabar com o sofrimento do mundo?! Sim, estou cego! Cego pelo sofrimento que não me deixa ver para lá de mim próprio. Eu sei que não sou vítima de ninguém se não de mim mesmo, e então? É suposto isso ajudar? Ah, pois! Há tanta gente por aí na multidão. Esses sim têm uma vida desgraçada! Que hipócrita, eu! Ter pena de mim próprio quando não tenho nada de que me queixar... Deixa-me adivinhar, vens dizer-me que não estou só... Para pensar em todos os que me amam! Pois olha, azar! Também nunca me amaram a mim, mas sim o filho brilhante que queriam que fosse, o namorado compreensivo, o amigo disponível, o que compreende e aceita, o que se destrói e

deixa destruir toda a sua individualidade para ser aceite. Para quê? Para ser mais um? Mais uma cópia? Estou farto! Não tenho forças para aguentar mais... Desculpa!”

O ardor inflama-se em todo o meu corpo saindo pelos meus olhos como um rio que corre para o mar com a força de uma descarga eléctrica... Estou a chorar...

Tu só queres morrer porque já estás morto. Vamos tratar de te enterrar ou isto fica para aqui tudo uma bagunça. Anda, dá-me uma ajuda.

Espera.

Então?

Eu não quero morrer!

Eu sei, mas a verdade é que já estás quase morto. Olha bem para ti: todas as tuas partes já não são realmente tuas. Tu próprio disseste, criaste-as em função do que te rodeia. Não sinto o teu pulso. Mexeste tanto nos ponteiros que o teu relógio parou! Quem és tu? O Diogo? O Francisco? O Ricardo? O menino com a força de mudar o mundo e construir um império? O rapaz que sonha com o palco? O covarde que tem medo de dizer que ama? O corajoso capaz de dar a vida por um amigo?

Se me deres uma ajudinha matamos-te num instantinho. Só não te posso é dizer que não dói nada.

Tu não percebes mesmo, pois não? Se tu soubesses... Ou se eu soubesse...

Tens razão, eu não percebo! E honestamente não sei! Mas sei, e tão bem como tu, que nunca vou saber. Apesar de tudo, tu dizes que não queres

morrer, mas eu quero ajudar-te a morrer! Temos aqui um conflito de interesses. Tens alguma sugestão?

Não sei quem és... nem sequer te posso tocar. Faz o que quiseres, eu desisto. Se nunca vou saber, não vale a pena. A coragem que me falta é do tamanho da minha covardia para escrever o ponto final. Pior que tudo é a minha consciência a dizer-me que isto é ridículo. Que eu sou ridículo só por pensar nestas coisas. Sei que as regras são simples. Porque é que eu não posso ser simplesmente uma pessoa normal?!

Essa teve graça! Mas deste-me uma ideia, vamos fazer um jogo: eu não sei o que é isso de ser uma pessoa normal. Se tu me conseguires explicar o que é, eu ajudo-te a ser uma, se não conseguires, tu ajudas-me a matar-te, boa?

Desculpa!? O quê!? Em primeiro lugar, não vejo como possas ajudar-me, em segundo, não acho inteligente confiar em alguém que me quer matar!...

Achas que se eu te pudesse matar sem a tua ajuda ainda estava aqui a perder o meu tempo? Em relação à minha ajuda, vais ter que confiar em mim! Mas ouve uma coisa: eu não minto! Não posso, não consigo... mesmo! E quer acredites quer não, tu sabes isso.

II

o lado negro da força

the dark side of the force

Só quero perceber se quero realmente viver e como quero viver. Uma vez que não tenho nada a perder, aceito.

O meu estado de espírito é de desespero. Não tenho forças para lutar mais contra mim e contra a multidão. Vai em frente e dá estocada final.

Ok! Então vamos a isso!

O que é isso que tu desesperadamente queres? Isso de ser normal?

Estejas onde estiveres é melhor sentares-te porque isto é bem capaz de demorar um bom bocado...

O nascimento de uma pessoa é como um sismo que altera tudo o que está em volta do epicentro desse coração que começou a bater. Um batimento com sucessivas réplicas de amor, que aquecem esse pequeno mundo onde ninguém pode entrar. Estou ali. Sou um bebé. Igual a tantos outros. Tenho que chorar para comer, mas não há problema, porque é normal, porque faço aquilo que todos esperam que faça. O meu leque de

possibilidades está limitado pela normalidade: não tenho que pensar, que ter consciência... Tudo o que faço é normal. A partir daí é sempre a perder – "és isto, és aquilo, és assim, és mau, és tão querido, tão fofinho, tão bonito, tão feio, um dia quando fores grande vais perceber" – todo o teu futuro é construído pelos que te rodeiam, sem sequer te dares conta. Com a vida toda pela frente e já todos sabem exactamente o que és, e o que serás, de preferência num fundo azul-bebé cheio de estrelas brilhantes.

Até que, quase sem te aperceberes, deixas de conseguir iluminar todas essas estrelas. Às vezes o céu fica tão escuro que tu pensas: "Algo de errado se passa comigo!"

A felicidade dos que te rodeiam escurece o teu céu como um manto negro que acentua a tua diferença e te afasta cada vez mais da multidão. As vozes sucedem-se: "Comporta-te. Não vez que não é assim? [Não é tão óbvio!?] Olha para o teu irmão, olha para os teus amigos... Tens de ser esperto, tens de ser inteligente, tens de ser brilhante."

Tudo isto piora com a chegada do dia em que tens de começar a cortar esse cordão umbilical e és lançado no circo de feras.

"Agora vais para escola." – Aí sim vais aprender a ser o que nós já te dissemos que ias ser. Ao contrário da leve esperança de um mundo onde todos são diferentes dás por ti a lutar numa competição sangüinária para ser exactamente igual a tantos outros. Isto para quê? Para seres aceite, para pertenceres, para estares do lado certo do dedo que aponta. Para entrares na elite de que todos falam e poderes ouvir "gosto de ti", "gosto tanto de ti", um quase "amo-te" que nunca vem só, que arrasta sempre o

que tu um dia vais ser. Para que os que te rodeiam possam ter na estante um troféu, e possam já velhinhos limpar o pó a dizer "Não fracassei!".

E ali estás tu, **só**, cada vez mais perdido, onde crescem duas forças distintas a um ritmo alucinante. A força de seres tu, e a de não seres, de te subjugares à multidão, ou de te afirmares.

Até que percebes, torna-se claro como uma água tão límpida que nem existe, que não pertences aqui, que não te ajustas a esta multidão, que és diferente! “Porquê?!” – É só o que te apetece gritar, mas estás fraco. A guerra é tão cerrada que vais assumindo a derrota e criando estratégias para sobreviveres. Já não te importa a guerra, já não te importam os que esperam pelo teu regresso... Só as batalhas, só o sobreviver a cada dia. Perdes o sentido.

III

no mais profundo de mim

in the inner side of me

Só uma coisa, desculpa estar a interromper-te, mas é que não estou a conseguir seguir o teu raciocínio: Se bem percebi, tudo o que disseste até agora é apenas o crescimento de todos nós. Até me parece bastante comum, ou "normal", como tu dizes... Estou baralhado!

Tu não estás a perceber! Deixa-me continuar...

Ok, não tenho pressa. Mas acho que ajudava se fosses mais concreto, mais verdadeiro, mais tu! Ups! Provavelmente já não te lembras de ti :) Desculpa o sarcasmo mas gostava mesmo de te matar...

És mesmo insensível! Mas também... do que já vi até hoje... Esquece! Vou continuar.

Eu sei que todos temos problemas, dúvidas, questões... partilhamo-las com quem nos rodeia, e todos nos olham a pensar: "Epá. estás crescido!" – Mas há dúvidas que não podemos ter! Simplesmente não podemos. E eu desde pequeno vi o que acontecia aos que tentavam expô-las, simplesmente

deixavam de existir. Quem é que vai brincar no recreio com o rapaz gordo? E com o rapaz de óculos? Não podes! Ele não é normal! Sim, eu sei todos sobrevivemos a isso! Crescemos e aprendemos. Mas o problema é quando és tu o rapaz diferente e ninguém sabe, ninguém percebe... Não podes deixar ficar mal a tua imagem, o teu sucesso, destruir todas as expectativas criadas à tua volta!

Hã?!

Queres que seja mais concreto? Então aqui vai... desde pequeno que sei que sou diferente. Ao princípio pensava que isso era bom. Todos à minha volta me amavam. Gostava de brincar, de saltar, de pular, de representar, de fazer e acontecer... Mas à minha volta os interesses mudavam... Era o jogo da bola, era andar à pancada, era correr e ser o melhor, ser o primeiro... E eu, simplesmente, era feliz! Não queria, não precisava de mudar nada. Mas as coisas mudavam sem que eu pudesse fazer alguma coisa. Não tive alternativa. A pressão era tanta que tive que me adaptar, passar a fazer coisas que nada tinham a ver comigo, sempre com o maior sorriso na cara. Não digo que tenha sido mau ou traumático, sempre enfrentei a vida com demasiada curiosidade para me deixar ir a baixo. Achava que tudo fazia parte do processo... Até que percebi o quanto estava enganado. Eu era mesmo diferente!

Eu sentia-me atraído por rapazes!

O meu mundo desabou! Ruiu completamente para um poço sem fundo. Casar, ter filhos, uma casa grande cheia de miúdos a correr e a brincar. Esquece! É impossível!

Ou talvez não, não sei. Se calhar estou a exagerar. Se calhar só estou a pensar assim por causa daquela brincadeira inocente... Uff! Há esperança! Tenho que tirar estas ideias doentes da cabeça. Eu sou mas é um pervertido! A “doença” alastra sem eu sequer dar por isso, As namoradas sucedem-se aos falhanços e a angústia é anormal. No cinema as lágrimas escorrem com o beijo apaixonado das princesas e dos príncipes que eu nunca poderei dar. Até que percebo que está montado à minha volta um cerco de arame farpado com sensores de raios laser e guilhotinas afiadas. Tudo pronto a derramar o sangue que for preciso. Basta uma fraqueza, uma falta de atenção. Tenho que pôr uma pedra neste assunto!

Substituo o coração por uma pedra na esperança de que o sangue deixe de correr, mas a força é tão grande que o inevitável acontece – a vida dupla! É vergonhoso! É miserável! Aliás, se contasse a alguém como sendo a história de um amigo de certeza que me diriam: “Coitado... como pôde desistir de si! De ser feliz! É mesmo triste, alguém ter que passar por isso... Porque é que ele não pediu ajuda?” – Pergunta que se respondia instantaneamente se lhes dissesse que esse amigo sou eu! Aposto a minha vida que fugiriam de mim como se tivesse lepra. Perderia todo o respeito, a liberdade de expressão... Passaria a ser o paneleiro, o maricas, o roto, o *gay*! As bocas seriam impossíveis de aguentar: “Cuidado com ele... Ele vem por trás! Olha o trinca almofadas!” – Quando eu não quero, nem preciso da pena deles. Quando simplesmente se trata de amor! DE AMAR E SER AMADO! Esse amor é impossível... não posso ser feliz!

Não estou a falar de cor, eu vi isto acontecer mesmo ao meu lado! Percebes? Ou achas que estou a exagerar?!

Sinceramente não estou a ver...

IV

é o teu medo que mais temo

it is your fear that I fear

O teu sofrimento escurece-te as ideias. Pareces-me assustado. Tens medo?

Medo!? Até me deu vontade de rir! Fizeste-me lembrar quando tinha menos de oito anos e a minha mãe me levou ao museu do medo. Como sempre, fiz uma fita terrível porque não queria ir. Forçado pela atracção que os meus brinquedos tinham sobre mim, nada mais me interessava. Assim que saí porta fora foi como se tudo o resto nunca tivesse existido. Adorei o passeio, adorei a visita e adorei estar com a minha mãe. Sentia-me seguro, protegido... mesmo estando no museu do medo! Lembro-me que no fim nos davam um disco vermelho, do tamanho da minha mão, e diziam-nos para o pormos na ranhura da coisa que mais temíamos. Era uma sondagem. “Eu tenho muito medo de seringas” disse eu enquanto punha o meu disco no monte que tinha a certeza que ia ganhar. Afinal de contas, quem é que não tem medo daquelas agulhas enormes! Perguntei à minha mãe qual é que ela tinha escolhido e ela disse-me: “Medo de não ter

amigos”. Foi como se a minha máquina fotográfica tivesse disparado instantaneamente. Eu também tinha muito medo de não ter amigos, mas tinha mais medo de dizer que tinha medo de não ter amigos. Esse momento acompanhou-me ao longo da minha vida...

Acho que a partir daí me conformei com o medo que vivia dentro de mim. As coisas cada dia, cada mês, cada ano mudavam mais, e o medo era cada vez maior. Quando acabei a quarta classe, os meus pais queriam que eu fosse para o colégio do meu irmão. Mas eu tinha imenso medo: era interno! Ia estar longe dos meus pais, da minha casa, do meu porto seguro. Mas não era esse o meu maior medo. Eu já estava habituado a estar fora de casa, e adorava. Era sempre uma nova aventura. O que tinha era medo dos cavalos! Era obrigatório no segundo ano. Combinei logo com a minha mãe que ia, mas no fim do ano vinha-me embora.

Com o passar do tempo tornei-me prisioneiro dos meus medos, ao mesmo tempo que tentava fugir dessa prisão. Passei a dizer que não a tudo o que me metia medo e a fugir de aventuras, especialmente se tivessem uma carga emocional grande, pois ficava completamente despido, como quando a minha mãe contava aos meus tios e às amigas as patifarias que eu e os meus irmãos fazíamos.

[Mais tarde percebi que todos contamos as nossas experiências e que quanto mais as partilhamos mais intensamente vivemos as nossas relações.]

A insegurança que sentia levava-me a ser agressivo, a não colaborar, a não partilhar nada do que se passava dentro de mim. Construí um muro à minha volta que fazia inveja ao muro de

Berlim. Ao mesmo tempo tinha uma vontade enorme de destruir todas as barreiras do mundo. Era como se vivesse outra pessoa cá dentro. Só tinha aquela reacção agressiva porque não os queria ver sofrer, porque os amava, porque sabia que não estava à altura das expectativas deles. Tinha que as baixar a todo o custo.

Outra pessoa dentro de ti? Isso é giro. Será que não estavas a fugir do teu sofrimento? Como é que sabes que ias sofrer?

Não, o pensamento era claro. Dizia a mim mesmo: “eu sei que sofres, mas se me visses como sou, íamos sofrer muito mais...” Como não era capaz de ser verdadeiro em relação ao que sentia, passei a defender convictamente o oposto do que sentia na esperança de que se convencesse os outros, também me convenceria a mim. Estava enganado!

Às vezes, quando via os meus amigos a abraçar as mães e a enchê-las de beijos sentia uma inveja que tomava conta de mim e saía discretamente pelos meus olhos. Chegava a pensar com maldade: “porque é que a minha mãe, que me conhece tão bem, não me faz o mesmo? Ela sabe que o que eu tenho é medo.” Depois percebi que era eu que lhe fechava essa porta.

A dada altura, não sei porquê, tive o pressentimento de que a minha mãe sabia as perguntas que se sucediam na minha cabeça. Acredito que as mães sabem coisas sobre os filhos apenas por instinto. Por outro lado, não fazia sentido ela saber e não falar comigo. Se calhar, acredita que eu não lhe peço ajuda porque não preciso, porque faz parte do meu caminho.

Um dia, entrei na sala onde ela se entretém com as suas artes e vi uma folha colada na parede, como aqueles *powerpoints* que recebemos aos molhos por email. Dizia assim:

Preocupa-te mais com a tua consciência do que com a tua reputação. Porque a tua consciência é o que tu és, e a tua reputação é o que os outros pensam de ti. e o que os outros pensam de ti, é problema deles.

Quando li a frase, tornou-se nítido que a minha mãe sabia. Aquela frase era para mim! Depois de perceber o ridículo do meu pensamento e que o mundo não gira à minha volta ignorei o episódio.

“Mãe, amo-te muito!”

V

o espelho da vida

*life is like a mirror,
we get the best results when we smile at it*

Não sei se passaste por isso, mas há uma altura na escola em que existe uma competição muito importante: quem tem o melhor pai! “O meu pai é melhor que o teu” são as palavras de ordem. Eu acho que o meu pode estar orgulhoso porque eu sempre lutei muito para ficar nos primeiros lugares.

À medida que os anos foram passando, ia tendo cada vez mais a certeza de que gostava muito do meu pai. Ao mesmo tempo sentia que cada vez mais se tornava impossível haver um momento em que conseguisse dizer-lhe isso. Quando fiz aquele curso marado do *Landmark*, estive quase para ligar para casa e falar com o meu pai para lhe dizer isso, mas não fui capaz. Só consegui falar com a minha mãe. Os pensamentos de auto-censura “Ele vai achar ridículo. Ele não vai perceber que é verdadeiro, vai achar que estou a telefonar por causa do curso” esgrimiam-se com os pensamentos optimistas “Ele já sabe! Ele não precisa que eu lhe diga. Ele não gosta destas pieguices. Eu já

lhe demonstrei várias vezes que gosto muito dele!” – Mas a **verdade** estava sempre presente “Estou cheio de medo de lhe telefonar e de lhe dizer o que sinto!”. Como o pensamento confortável do “Ele sabe” ganhou o combate, comprometi-me a mostrar-lhe através de acções que era verdade.

Uns tempos depois, fomos os dois passar um fim-de-semana ao Alentejo, como já não acontecia há muitos anos. Fomos à pesca e diverti-me imenso. Conheci melhor alguns dos amigos dele, de quem sempre ouvi muitas histórias. Mas houve um momento especial...

Fomos almoçar com um amigo dele. Contei-lhes o que tinha sido o curso e o que tinha aprendido, o que eu pensava do mundo e como via vida. Acho que foi a primeira vez, ou das primeiras, em que tive consciência de estarmos a ter uma conversa de amigos... Não de pai para filho ou de filho para pai... Foi mesmo especial.

Vejo que gostas mesmo muito do teu pai, por isso não percebo do que é que te queixas! Sabes, todas as pessoas gostam de ser amadas! Eu não conheço ninguém que não goste. Ou isso é anormal?!

Não gozes. Sabes que nesta sociedade é mais fácil dizer que não se gosta das pessoas do que o contrário! Mas acho que tens alguma razão. Tenho estado preso pelos meus medos... como sempre!

Quando era criança toda a gente dizia que eu era parecido com o meu pai. Para mim, era um orgulho tão grande que acabei por lhe “roubar” o sentido de humor, as expressões exageradas e até as manias com os barulhos. A minha mãe até fez uma

moldura com duas fotos na mesma idade em que só se descobre quem é quem porque a do meu pai é a preto e branco.

Mas eu sinto-me entre a espada e a parede! Se alguma vez o meu pai soubesse que eu tenho este problema acho que ia ficar tão desiludido... Acho que ele nunca iria compreender que eu não escolhi, o que tenho sofrido... por ser diferente!

Ele não diz, mas tenho a certeza que criou uma série de expectativas para o meu futuro! Como é que eu posso destruir isso? Será que ele vai achar que a culpa é dele? Eu só quero que ele goste de mim!

Mais do que isso eu só quero ser capaz de lhe dizer:

“Pai, eu gosto muito de ti”.

VI

luzes de palco

acting is half shame, half glory

shame at exhibiting yourself, glory when you can forget yourself

Todos os pais perguntam aos filhos o que é que eles querem ser quando forem grandes. Às vezes, por graça, dizia que queria ser homem do lixo, porque era o que a minha mãe me dizia que eu ia ser por apanhar todo o lixo que encontrava na rua, mesmo no chão, e eu achava graça. Na realidade eu apenas gostava de pensar nas coisas que se podiam fazer com um bocado de papel ou uma garrafa vazia! Mas o que eu queria mesmo era ser palhaço! O meu tio dizia na brincadeira “O Ricardo vai ser como a Tété”. Eu ria-me, mas não sabia quem era a Tété. Depois disseram-me que era uma palhaça conhecida. Sentia-me vaidoso! Eu ia ser como uma palhaça conhecida! Mas ao mesmo tempo não contava aquilo a ninguém porque a Tété era uma Ela, e sentia que isso estava errado. Era como se fosse uma profissão de mulher. Eu devia querer ter uma profissão de homem. Um palhaço. Mas também não dava muita importância ao assunto.

Mas acabaste por seguir um caminho bem longe do lixo e das artes. O que é que te aconteceu? Cresceste?

Não sei se cresci se me deixei crescer... Quando estava na quarta classe foram filmar uma série na minha escola para a televisão, e perguntaram à minha turma quem é que queria participar.

Pareceu-me uma aventura a não perder, tinha mesmo a minha cara! Disse logo que sim.

Já não me lembro bem como ou porquê, mas a dada altura ia com a minha mãe num autocarro e decorava afincadamente as minhas falas. Ela ajudava-me fazendo de Ela. E eu fazia de Ele. Dizia-as vezes sem conta, até a minha mãe se cansar. Ela não o disse, mas eu percebi! Era um autocarro dos antigos, que na altura era dos novos. Lembro-me como se fosse hoje: tinha aqueles bancos de plástico cor-de-laranja. Não era como os velhos que tinham bancos de pele todos rasgados. Era um bom prenúncio. Íamos para o *casting*.

Chegámos. Era um auditório. Não estava muita gente, mas no palco estava um senhor calvo e grisalho com uma câmara. Fez-me algumas perguntas e depois pediu-me para eu dizer o texto com outra rapariga que também estava a fazer o *casting* comigo. Ela era assim para o gordinha, e não era muito giral! Tinha corrido muito bem, tinha a certeza. Os senhores disseram-nos que depois entravam em contacto connosco e fomos embora.

Uns tempos depois, acho que não foram muitos tempos, a minha mãe disse que eles tinham achado a minha representação muito boa, mas que o outro “casal” é que tinha sido escolhido,

porque eles ficavam melhor um com o outro e que o outro rapaz era filho de uma pessoa da empresa, por isso eu ia ter um papel principal mas secundário. Na altura fiquei triste e percebi o que eram as “cunhas”, se bem que nunca cheguei a saber se era mesmo verdade ou se a minha mãe me tinha dito aquilo para eu não ficar mais triste.

Então, não percebo mesmo?

Pois. Tu não percebes porque não te ensinaram que aquele mundo era para os loucos, maricas e inúteis. Eu não queria ser um inútil, pobre toda a vida. Eu não queria ser maluco. Já bastava saber que era diferente, se todos o vissem era desastroso.

Já pensastes se não fazes perguntas demais?

Essa é gira! Todos nós passamos pela idade dos porquês, eu acho que nunca saí! Na realidade, a diferença é que evoluí para a idade dos Porquês, dos Comos, dos o Quês, etc. Se calhar não fui só eu, mas houve uma idade em que percebi que não tinha certezas, e a forma que arranjei para lidar com o assunto foi inventar uma série delas – o que era fácil porque eu ouvia sempre tudo o que os outros diziam com muita atenção. Assim, mesmo não tendo certezas, se alguém me perguntasse, eu tinha muitas certezas, e muito fortes. Acho que com o tempo essas certezas inventadas se foram transformando em dogmas, porque nos esquecemos que são certezas e que foram inventadas por nós.

Lembro-me de uma frase que li algures que dizia assim:

Speak your mind. Don't let anyone censor you. It's the best advice. Even as a teenager, I always said what I was thinking. I wasn't

afraid of what others think. You have to express yourself no matter what anyone else thinks about it.

Já não me recordo se era exactamente esta frase, mas o significado era o mesmo. Acho que estas frases deviam ter uma legislação como a que existe para os maços de tabaco. Obrigatório incluir avisos “Não tente isto em casa” ou “Parece fácil mas é impossível”.

Todos temos frases que nos tocam, e esta tocou-me porque dizia exactamente o que eu gostava de ser. Dizia o que eu tentava ser, mas não era, porque tinha medo.

Lembro-me que um dia, como tantos outros dias, estava perdido nos meus pensamentos e auto julgamentos – sim porque infelizmente eu ia muitas vezes ao tribunal da consciência, não tinha como escapar – e percebi porque é que me sentia incompleto. Pensava que era por estar na idade do armário, como todos diziam, mas no fundo sabia que não. Eu simplesmente não conseguia ser verdadeiro comigo próprio. Para sobreviver inventava mentiras, histórias, e até outra vida. Assim estava seguro.

Nesta idade já não havia o problema de passar o recreio com as miúdas porque era suposto andar atrás das miúdas. Se bem que o meu recreio não tinha miúdas. Quando íamos “sair à noite” para ir às discotecas, coisa que a certa altura era bastante frequente, era a loucura! Tantas raparigas giras... “Vai ser um espectáculo!” Eu não me sentia bem assim... Na altura não sei se sabia porquê, mas como tinha que parecer não falhava o ritual... não podia! Como fazia parte da idade, e eu não podia ser

diferente, foram aparecendo as curtes, e das curtes algumas namoradas.

Era estranho, por um lado sentia que estava a ser fiel às forças da natureza mas por outro que não sentia nada daquilo como natural. Cheguei a pensar que era assexuado! Li algures que existiam pessoas assim, e eu se calhar era uma delas. Quando percebia que isso não era verdade, convencia-me que tinha de ser como os padres. O celibato era o meu destino... não havia nada a fazer!

Hoje, olho para a minha adolescência e acho que a sociedade fez um óptimo trabalho. Afinal de contas somos treinados para ser mentirosos natos, e eu sou cinco estrelas nessa modalidade. A primeira mentira que nos ensinam, se não estou em erro é “Mentir é feio”, ou será “Nunca debes mentir”? Depois ensinam-nos o que são as mentiras piedosas, ou “sem maldade” – que basicamente são as mentiras que devemos dizer quando não temos coragem para abraçar alguém porque se lhe dissermos a verdade, esse alguém vai precisar de um abraço. Até que quando damos por nós, já não somos nós, mas somos nós, porque passamos a ser o que não somos. Eu sei, é muito complicado... Eu também não sei se percebo.

VIII

um por todos e todos por um

Como já te disse, eu e a minha mãe tínhamos feito um acordo: sairia do colégio depois do primeiro ano. O estranho é que desde o primeiro dia que lá entrei tive a sensação que lá ia passar oito anos, o que acabou por acontecer.

Os anos foram passando e cada vez ia gostando mais de lá estar. Se alguém “cá fora” dizia mal do meu colégio, eu defendia-o como se de uma guerra se tratasse. Sentia-me o vencedor do primeiro prémio da lotaria, membro da elite. Éramos todos, ou quase todos, muito amigos, tínhamos a vontade de mudar o mundo e sentíamos o poder da união. Os momentos difíceis faziam-nos crescer e ser melhores, ser mais unidos. Chegávamos a funcionar como um só, sem que nada estivesse combinado.

De certa forma vivíamos num sonho, vivíamos numa realidade que não existia... Onde as responsabilidades eram

maiores que nós e faziam-nos sentir maiores do que realmente éramos, mas o orgulho era monumental!

Lembro-me que a dada altura aconteceu algo de grave: Um caso de “paneirada”! Era impensável! Todos sabíamos o resultado: Expulsão! Lembro-me que quando eles se foram embora ouvi um que se veio despedir de nós com os olhos em lágrimas, e que eu não me consegui controlar e chorei com ele. Sabia que ele tinha errado, tinha pisado a linha proibida, tinha cometido um pecado capital, mas sentia a angústia profunda da discriminação que pesava sobre ele. Era como se todas as pessoas estivessem a olhar para ele e a pensar “Tu és nojento! Tu não mereces nada!”. Mal sabia eu que dúvidas me reservava o destino... ou sabia?

O que é facto é que quando as dúvidas se tornaram claras o sentimento de solidão foi profundo. Meu Deus! Eu era diferente! Eu era anormal! Sabia perfeitamente que não podia pedir ajuda a NINGUÉM!

Como desistir é coisa que nunca estive no meu sangue tinha que fazer qualquer coisa para me curar! De tanto tentar encontrei uma solução! Apaixonei-me cegamente pelo colégio, e por ele tudo valia a pena. Acreditei que abdicando de mim por uma causa, Deus me iria recompensar. Passei dias a ler a história do colégio, as tradições, o espírito, até criei uma página do colégio na internet. Escrevia para o jornal, esforcei-me para ganhar as medalhas todas, tornei-me o representante do meu ano. O meu ano tinha de ser o melhor, eu tinha de ser o melhor, enfim... acho que os frutos foram bastante gratificantes. Até que acabou! Passaram oito anos como se fosse uma hora.

Não tinha mais causa para lutar!? E agora? O que iria ser de mim? Tinha os amigos, mas percebi que com cada um para seu lado já não era a mesma coisa!

Estava perdido!

Estava sozinho... outra vez.

IX

o fim da linha

God is each one of us, all of us, and everything else

Acreditas em Deus?

Eu, quando era pequeno, não percebia o que era Deus. Nunca tive uma educação católica muito forte, mas como era batizado, sabia que tinha de me portar bem, senão Ele castigava-me. Quando fui crescendo, percebi que já havia tanta gente a castigar-me que se calhar Deus não existia – era uma desculpa. Quando fui crescendo mais, percebi que estava enganado, e por me ter enganado Ele castigou-me. Se bem que, Ele é que fez com que eu me enganasse, enfim! “Deus não gosta de mim”, foi um pensamento que me acompanhou durante vários anos. Às vezes, deitava-me na cama e chorava sem que ninguém ouvisse e pedia-Lhe desculpa, pedia-Lhe que me ajudasse a ser como os outros. Eu sentia que havia algo de errado comigo e se alguém podia corrigi-lo era Ele. Afinal Ele também era meu Pai. Porque é que os meus amigos começavam a arranjar namoradas e a mim, a única coisa que me fazia acelerar o coração eram rapazes? Era horrível, era nojento! Eu estava estragado,

tinha feito alguma coisa muito má e por mais que me esforçasse não conseguia lembrar-me de nada.

Pelo menos numa coisa ele sempre foi meu amigo: combinámos guardar aquele segredo só entre nós, e eu ia esforçar-me por ser melhor. Ele cumpriu sempre.

Muitas vezes fazíamos acordos “Não deixes que ninguém descubra e eu vou apagar estes pensamentos da minha cabeça” duravam um par de semanas... Uma vez, para me ajudar, imprimi um calendário, e todos os dias marcava um “V” de Vitória porque tinha conseguido não pensar nada de “mau”. Nas passagens de ano pedia sempre o mesmo desejo doze vezes de maneiras diferentes: faz com que me apaixone, arranja-me uma namorada, torna-me normal, dá-me coragem para ultrapassar isto. Mas aí ele nunca me ouviu.

Desculpa, eu acredito em Deus, e acredito que tu és Deus como eu sou Deus, afinal de contas Deus é Amor e tu também és Amor. Realmente tu tens tratado muito mal o teu Deus. Já pensaste que se tu te aceitasses exactamente como és e fosses completamente verdadeiro contigo próprio conseguirias transformar quem está à tua volta com o teu amor. Se não és verdadeiro contigo, como é que podes ser com os outros? E se não és com os outros como é que podes sentir que o amor deles é para ti? Nunca é! É para alguém que não és tu! Que tu inventaste!

Tu não percebes! Tu estás completamente enganado. O mundo é como a matemática. Tu não podes ser um número positivo e negativo ao mesmo tempo. Se és um número positivo, tens de te comportar como um número positivo. Se fores negativo é a mesma coisa. Eu sou um número positivo que

quando somado com outro número positivo o resultado é menor que a nossa soma. É uma aberração!

Mas espera. Como eu te estava a contar continuei a crescer e, à medida que isso foi acontecendo, percebi que havia outras pessoas que não iam à missa e não gostavam muito da conversa dos padres, mas que gostavam muito de Deus. Uns chamavam-lhe Alá e outros nomes, mas havia uns que também lhe chamavam Deus. Foi como uma luz ao fundo do túnel! Se calhar eu podia olhar para Ele sem me sentir como o patinho feio. Mas essa luz foi-se embora quando percebi que essas pessoas também achavam que eu era uma aberração. Estava condenado. Tinha mesmo que me agarrar a este Deus como podia. Mas como?

A certa altura achei que se queria realmente ser salvo tinha que me esforçar mais, tinha que “praticar a minha fé” como vem nos livros. Então combinámos que se eu me esforçasse, as coisas iam começar a correr melhor.

Comecei a ir à missa ao Domingo! Sozinho e sem ninguém saber, porque aquilo era um assunto nosso. Ninguém ia perceber. Aquilo ajudou-me. Deu-me alento. Claro que eu nunca comungava. Apesar de ter feito a primeira comunhão sabia que só podia comungar se me tivesse confessado e estivesse livre de pecado. Como não tinha coragem para confessar o meu pecado, e todo eu era pecado, ficámos assim, cada um com o seu corpo...

Mas o tempo passava e nada! Nada do que eu queria acontecia! Até que quase desisti. Um dia, para aí há dois anos ou três, desesperado com o que me passava pela cabeça, saí de casa.

Era Inverno e chovia torrencialmente. Fui até uma igreja perto de minha casa. Tinha que falar com um padre, era a última salvação possível. Como a igreja estava fechada fiquei meia hora à espera a pensar se batia ou se não batia à porta. Estava um frio de rachar e não conseguia arranjar maneira de me proteger da chuva. Depois de pesar todos os ponderáveis e imponderáveis, decidi bater. Ao fim de um quarto de hora abriram-me a porta. Era um seminarista. Gelei de alto a baixo e a única coisa que me saiu pela boca foi um nervoso “Posso entrar?”. Ele respondeu secamente “Depois feche a porta” e foi-se embora. Fiquei ali uma hora, perdido. Sentia-me completamente só. Uma dor enorme apertava-me o coração que nem conseguia chorar. Eu era a minha barragem. Tinha que manter a dor dentro de mim. Era o meu castigo, era a minha cruz. Sem me dar conta, começaram a entrar mais pessoas e lembrei-me que não tinha fechado a porta. Entretanto entrou o padre que celebrou a missa praticamente toda sem olhar para as pessoas que tinham vindo ali para o ouvir. Pela maneira como falava não parecia que acreditasse muito na importância do que estava a dizer, por isso eu também não acreditei.

A partir daí, zanguiei-me com Ele.

Pelo menos com aquEle.

XII

suicídio

suicide is a permanent solution to a temporary problem

A primeira vez que me lembro de pensar em suicídio devia ter à volta de quinze anos. Desde então vivi longos períodos em depressão sem que nunca ninguém o notasse. Nesses períodos chorei, com e sem lágrimas, li livros, cartas de amor, cartas de despedida e percebi uma coisa...

Nunca seria capaz de o fazer.

Simplesmente não faz parte da minha natureza.

XV

porto

Conformado com o anonimato, para mim a felicidade e o amor não eram estados, fases ou ciclos, eram momentos... momentos que precisavam de geridos e aproveitados. Esses momentos fizeram-me conhecer o Diogo.

Começámos por falar pela internet, acho que nos apaixonámos nos primeiros momentos – se é que tal é possível – partilhávamos dúvidas, partilhávamos sonhos e partilhávamos desilusões. Ficávamos a falar horas intermináveis. Se ele não aparecia sentia um aperto enorme no coração. Não conseguia saber se estava triste ou se estava feliz. A amargura de não poder partilhar o amor que sentia com os que chamava de amigos era um peso insuportável que só se amenizava pelo amor que sentia, por ter alguém que amava, uma voz que me fazia sentir saudades, um cheiro que imaginava...

Mas como tudo o que começa também acaba, e neste caso, acabar tornava-se uma obsessão, seguimos viagem, cada um no seu caminho.

Surpresa das surpresas foi ver que os nossos caminhos se voltaram a cruzar, para se voltar a separar. Mas este era um amor condenado à partida. Nenhum amor resiste à discriminação.

A auto-recriminação que sentia fazia-me discriminá-lo e fazê-lo sentir-se um pecador que ele sabia não ser. Eu não suportava ir jantar fora, ir ao cinema... o radar estava constantemente alerta “E se aparece alguém que me conhece? O que é que eu digo? O que é que eu faço? Vou corar de certeza? Vão perceber! Vai ser o meu fim!”

O fim estava anunciado...

“... ”

Quero que saibas que respeito a tua decisão e não vou invadir o teu espaço, não consigo ser amigo da pessoa que mais amo na vida, pelo menos por agora. O meu corpo não me deixa, tu sabes! Quando estou contigo sinto literalmente o sangue a correr-me nas veias e o coração a bombardear! É brutal sentir isso! Tenho de te agradecer! Nestes poucos dias fiz coisas que nunca pensei fazer na vida e das coisas mais bonitas foi ver nos teus olhos lindos o fogo de quem ama! Como a raposa do príncipezinho tu cativaste-me! E isso não é mau, porque agora tu não és uma qualquer rosa igual a tantas outras, posso pensar em ti, lembrar o teu cheiro, o teu cabelo, a tua pele, e rir ou chorar, mas aquecer o coração. És especial! Mas parece que como na história, chegou a hora da despedida.

O amor é fogo e às vezes queima! Eu queimei-me mas também me aqueci muito. Choro. É triste, mas é bom ter uma razão para chorar, significa que amei, que transformei, a mim e a alguém. Amor

não é estar, não é viver, é adrenalina, é não pensar, é arrepiar, é rir com vontade e chorar com mais ainda, é partilhar, é o silêncio e o barulho, é sentir tudo e não ser indiferente a nada! É onde tudo é importante e de repente não é nada, não é respirar sem se dar conta, não é não nos lembrarmos se dissemos olá ou adeus ou um sítio onde existe "tem de ser"! É insanidade, é rir sem razão, é ser parvo, é ser tonto, é querer, é correr... amar é tudo o que não planeámos e que nos faz sentir medo, para mim tem um nome.

És tu!

..."

XIX

um amigo é um bem

your friend is the man who knows all about you, and still likes you

Um dia, estava no bar da faculdade e, já não me lembro bem porquê, estava a discutir com um amigo a questão da homossexualidade – o que era frequente porque ambos tínhamos opiniões diferentes sobre as coisas, o que é ótimo.

Já não me lembro se estava mais alguém, mas lembro-me de que ele disse qualquer coisa como: “Eu tenho um amigo que é homossexual e ele contou-me que uma série de pessoas que eu conhecia também eram. Eles têm todos uma vida promíscua.” Já não me lembro se ele disse que achava que era uma doença mas disse qualquer coisa como: “Eles têm todos uma história de traumas”. Senti-me completamente ameaçado e os meus alarmes dispararam todos. Naquele momento senti-me completamente sozinho no mundo, o que não era novo para mim. Saiu-me qualquer coisa como: Eu não sei, não conheço nenhum, mas há uma coisa que me faz confusão... Se há pessoas que nascem com os dois sexos, há homens efeminados, e pessoas normais, porque é que não pode haver alguma coisa no meio? – assim que me

calei percebi que o terreno estava firme, os alarmes acalmaram, tinha-me safado bem. Mas lá no fundo havia uma voz que sussurrava “Será que ele sabe?”

Tinhas-te safado bem? Tinhas acabado de te discriminar a ti! Quase afirmaste ser uma aberração digna de notícia numa qualquer revista científica! E dizes que te safaste bem? E que tal gostares um bocadinho de ti? Eu começo a concordar contigo. Não percebo!

Pois não, não percebes. Se por azar eu tivesse deixado uma dúvida no ar era o meu fim. Ele iria julgar-me, e de certeza que nunca mais seríamos amigos.

Se ele pensasse assim e fosse essa a sua reacção, também não me parece que fosse grande amigo, ou que pelo menos te fizesse falta, o que sinceramente não me parece que fosse o caso.

Realmente não percebes mesmo nada. Se as coisas tivessem corrido de outra maneira, nunca teria descoberto o amigo fantástico que ele é. Não havia hipótese.

Para tu veres como existe ironia na vida, no casamento dele, eu fazia parte do coro. Nunca imaginei que isso fosse possível dada a minha voz de cana rachada, mas qual foi o meu espanto quando vi que uma das músicas que eles tinham escolhido era assim:

*Muda de vida se tu não vives satisfeito;
Muda de vida estás sempre a tempo de mudar;
Muda de vida não debes viver contrafeito;
Muda de vida se há vida em ti a latejar;
Ver-te sorrir eu nunca te vi;*

*E a cantar eu nunca te ouvi;
Será de ti ou pensas que tens de ser assim...
Olha que a vida não;
Não é nem deve ser;
Como um castigo que tu terás que viver;*

Já tinha ouvido a música várias vezes mas nunca tinha tomado a mínima atenção à letra. Quando a percebi, senti-me completamente despido. Até me vieram as lágrimas aos olhos, que eu disfarcei com mestria, como, aliás, estou habituado.

XXIII

um tesouro que se tem

friends are God's way of taking care of us

Mas sabes, não sei se por sorte se por decisão minha, sinto que tenho um grupo de amigos muito especial. Lembro-me que, quando andava no colégio, havia lá um tipo do ano do meu irmão com quem eu me identificava bastante, ele também era o representante do ano dele e também foi responsável do jornal.

Nunca fomos muito próximos no colégio, mas as nossas vidas foram-se cruzando e hoje é sem dúvida uma das pessoas que mais admiro. Adoro as nossas conversas sobre Deus e sobre o mundo... o sentido da vida! Não tenho dúvidas de que aprendi muito com ele, mas o que eu mais admiro é a capacidade dele ser livre e de ser feliz, de viver aquilo em que acredita. Tantas vezes pensei: Eu quero ser assim... Escrever o meu caminho com as minhas mãos. – Mas sempre me faltou a coragem. Estava preso, era contra-natural!

Uma vez, na brincadeira ele disse-me: Espero que os meus filhos nunca tenham amigos como tu – eu ri-me, como costume

fazer sempre que não sei o que fazer. Por dentro pensava: Como eu concordo contigo! Ninguém merece ser como eu! – e claro que não podia deixar de pensar que eu nunca iria ter filhos e como eu gostava...

Tu és muito bom no drama!

Numa das nossas muitas conversas, estava eu em colapso mental, para variar, quando ele me perguntou: Quando é que foi a última vez que fizeste alguma coisa por ti, sem ligar às expectativas dos outros? – mais uma vez, eu ri-me...

O que é que eu podia dizer!? A minha vida era uma manta de retalhos das expectativas dos outros...

Epá, mas eu tenho a expectativa que tu me expliques o que é isso de ser normal, e olha que até agora as minhas expectativas estão bastante defraudadas...

Cada coisa a seu tempo.

Coincidência ou não é que este meu amigo casou com uma pessoa com quem também me identifiquei desde o primeiro dia que a conheci, até a cantar... como uma cana rachada! Acho que isso nos levou a descobrir as diferenças e a perceber que somos especiais. Desde que nos conhecemos que me tocou a força dela na busca de respostas, de sentido, e de uma vontade sobrenatural de viver, sentir e amar.

Falávamos imenso sobre tudo e sobre nada, mas eu sentia que conseguíamos captar a essência por detrás das palavras. Não sei se alguma vez ela sentiu que eu era diferente, mas eu sempre senti como isso não lhe importava. Houve momentos em que lhe quis dizer mas nunca consegui, não podia, não tinha escolha.

Abrir o livro era um caminho sem retorno. Não dava para abrir só um bocadinho.

Uma das vezes foi quando fomos os dois jantar. A minha namorada tinha posto o primeiro ponto final na nossa relação. Eu estava de rastos! A minha cabeça estava a duzentos à hora... uma parte de mim sabia que não havia escolha, que o amor que eu sentia por ela não chegava para mudar o que eu era – nenhum chega – enquanto outra parte de mim gritava: vai à luta, ainda há esperança, tens que te entregar mais, dar até doer – mas já me dói tanto...

XXV

uma vida, um caminho

there is no life to live

Acho que a busca permanente por respostas sempre esteve dentro de mim, ou, pelo menos, desde que me lembro de mim. Não será assim com toda a gente? Não sei, mas comigo é.

A primeira vez que ouvi falar no *Landmark Education* foi a seguir a uma experiência já de si estranha: o “curso de meditação activa de Osho”. Depois do curso fomos todos beber um copo e o Nuno contava como lá nos davam uma perspectiva completamente diferente da nossa vida. Entre outras coisas, explicavam que embora vivêssemos no presente, todo o nosso passado não resolvido tem um eco no nosso futuro, e esse eco limita a nossa vida, limitando o infinito de possibilidades que temos à nossa frente para um infinito mais pequeno. Percebi que quanto maior forem os fantasmas do meu passado mais pequeno é o infinito de possibilidades no meu futuro. E o melhor é que o poder de mudar tudo isso está em cada um de nós! – “Brutal!” – foi o meu pensamento... – “Esta é definitivamente a minha salvação! Afinal há esperança! Também posso ser feliz!”.

Esta conversa ficou a remoer na minha cabeça durante algum tempo, até que uma sucessão de acontecimentos me levou a investir toda a minha esperança nesse curso e decidi ir fazê-lo. Se já tinha mudado a vida de tanta gente, também ia mudar a minha de certeza.

O Carlos ia comigo, o que era bom pois os medos eram muitos e era bom ter alguém para dar uma força. Por outro lado tinha ainda mais medo... - “E se eu descobrisse que era irremediavelmente gay, e que isso fazia parte do meu destino?! Eu já tinha decidido que não podia dizer nada a ninguém!” – Disse para mim mesmo que tudo ia correr bem e que não ia pensar no assunto. Venha o que vier, virá por bem. Também não estou a ver outra alternativa...

Fiz o telefonema. Mandaram-me um formulário onde tinha que explicar porque é que queria fazer o curso. Como não podia ser muito concreto escrevi qualquer coisa como conhecer-me melhor a mim mesmo, aumentar a minha consciência, e mais importante que tudo aceitar-me a mim próprio.

Depois de reler o que tinha escrito pensei para os meus botões: Acho que está aqui tudo. Mesmo que nas entrelinhas, estou a ser honesto comigo mesmo... isto é o que eu quero! – Não sei se fui realmente sincero ou se estava a tentar convencer-me disso...

Lembro-me como se fosse hoje. Estávamos na porta 203 da *Eversholt street* e estava na hora! Uma parte de mim queria muito fugir, a outra queria muito entrar... acabámos por fumar um cigarro, como que a adiar o inadiável, e subimos.

[Durante o curso acho que reví grande parte da minha vida.]

A mensagem era poderosa, mas a ansiedade aumentava à medida que o curso avançava, e as perguntas que me tinham levado ali continuavam sem resposta.

Não te quero estar aqui a explicar o curso todo, mas num dos dias, deram-nos um cartão, o cartão das possibilidades, para preencher durante o jantar. Confesso que já com pouca esperança admiti que fingia ser auto-confiante, ter um caminho, atender às expectativas dos outros, escondendo os meus sentimentos, e que estava disposto a criar a possibilidade de ser verdadeiro, não me julgar e começar a preocupar-me com as minhas necessidades.

Enquanto escrevia estas palavras sentia que nada eram mais do que palavras. Eu continuava diferente e isso não ia mudar, estava mesmo condenado.

E isso foi útil?!

O curso continuou até que chegou o último dia intensivo. Acho que me bateu como um copo de whisky em jejum, seja lá o que isso for. A frase que me abriu os olhos era simples: “Não existe nenhuma vida para se viver”. Ok! Percebi! Eu posso ser o que eu quiser! O meu futuro é vazio, é uma folha em branco! Isto significa que eu não sou nada! Eu posso ser qualquer coisa! Brutal!

Estava ali a resposta que eu tanto precisava! Afinal eu podia ser uma pessoa normal! Brutal! Era tudo o que eu queria... só dependia de mim!

XXVI

subindo a montanha

the bills are alive

E só dependeu de mim! Os meses que se seguiram foram dos mais felizes da minha vida! Fui criança. Fui livre. Fui eu. Fui o “eu” que eu desenhei exclusivamente para mim próprio! Brutal! As pessoas à minha volta viam que eu estava diferente, viam que eu estava feliz! Eu via isso na cara delas!

Estou baralhado... Já não percebo nada disto! Donde vem então tanto sofrimento? De onde a vem a tua vontade e medo de morrer?

Aí é que está. Tu podes enganar muita gente pouco tempo, ou pouca gente muito tempo, mas não é possível enganar muita gente durante todo o tempo... Mais, tu não podes enganar-te a ti próprio todo o tempo.

Continuo confuso...

Com toda esta força de viver apaixonei-me por uma rapariga, o que em si não era uma novidade. Eu sabia que me apaixonava por pessoas e não por géneros, mas sabia também o que é que o

meu corpo tinha a dizer sobre o assunto. Eu sabia o que é que me atraía e não, que é diferente de estar apaixonado. Mas desta vez eu sentia-me diferente. Eu sabia que podia ser o que eu quisesse! Eu estava a reconstruir a minha vida, a vida que eu sempre quis, como sempre desejei.

Estava eu já bem no alto da montanha quando caí a pique. Não foi o meu coração que ficou destroçado, fui eu. Eu podia enganar a minha cabeça, mas não podia enganar a minha natureza, as minhas células, o meu corpo, a minha energia.

Não me parece muito grave.

Não te parece grave porque tu não percebes nada. Foi o fim. O fim da esperança, o fim de uma vida normal. NORMAL!? Percebes agora! Eu não tenho salvação! Estou condenado! Quanto mais o meu corpo me dizia que não era isto, mais eu obrigava a minha cabeça esforçar-se mais, mas simplesmente não dava...

Estares condenado parece-me bem! Estou a brincar, mas pelo que contas não era a primeira vez que te tinhas confrontado com esse facto? Qual é a novidade?

Sim, tens razão nesse ponto, mas a diferença é que eu agora sei que a minha felicidade está única e exclusivamente nas minhas mãos. Eu não posso culpar nada nem ninguém por ser infeliz. A minha felicidade depende apenas das minhas acções, do mim. E eu não quero ser... Simplesmente não tenho coragem... É muito duro, percebes? O mais incrível é que coragem foi exactamente o que eu escolhi para o meu futuro! Foi o compromisso que eu assumi comigo próprio! Porquê?! Não há sentido na vida além do

que tu lhe queres dar. És livre de fazer o que quiseres e ninguém pode limitar os teus sonhos e a tua felicidade, bla bla bla, eu sei isso tudo! Mas e os outros!? Os outros não sabem! Os outros olham para nós e estão-nos constantemente a julgar. Com o olhar, com o sorriso, com as palavras, percebes? E nada vai mudar isso, porque ninguém pode ser feliz sozinho. Fugir não me adianta de nada, porque não posso fugir de mim. Estou entre a espada e a parede!

Eu não quero estar a ser repetitivo, mas não te preocupes, porque como ainda não percebi o que é isso de ser normal, acho que vais perder o jogo e assim resolvemos todos os teus problemas...

Mas há uma coisa que eu não percebo! Tu não disseste que podias ser o que quisesses!?

E posso! Mas o que eu percebi com dureza da realidade é que sou EU que posso ser o que eu quiser, percebes? Eu não posso tirar da equação aquilo que EU já sou! Um mamute não pode deixar de ser mamute mas pode fazer com que isso não interfira com a sua felicidade.

Perdeste-me.

XXVII

morte anunciada

Oh! Assim é fácil! Por mais que me explique dizes sempre que não percebes, e eu vou à vida!

Mas não é o que tu queres?

Eu quero desaparecer, quer dizer... Eu quero que isto desapareça. Quero uma cura! Quero não ser o que sou. Mas quero viver. Quero ser feliz...

Pois! Não sei... Não estou a ver como é que vamos resolver isto!?

Acho que tive uma ideia...

Então?

É fácil! Se eu te matar a ti, deixo de ter um problema.

Pois, isso é verdade, mas não me parece muito justo! Tu é que querias morrer...

Sim, mas não és tu que dizes que o justo, o normal, o bom, o mau, o assim-assim, o talvez... não existem!? :)

Ehrr... pois. E como é que pensas matar-me?

É simples! Eu já descobri quem tu és! Por isso é fácil! Tu és o meu bicho-perguntador. E tu não existes fora da minha cabeça. Por isso, quase nem preciso de te matar. Tu és aquele que me está sempre fazer perguntas. Porque sim? Porque não? O que é que aconteceu? O que é que vai acontecer? Basta!

Quase?

Sim tu só existes porque eu te deixo existir! Se eu passar a viver sem ti, vou ser livre. Vou ser feliz!

Mas sabes que não vais conseguir, não sabes? Já pensaste quando começarem a gozar contigo? Toda a gente a rir e a falar de ti nas tuas costas? Imagina os teus amigos a casar e a ter filhos, e tu?

Talvez não consiga, mas pelo menos vou tentar! E tu vais ficar mais fraco. Se eu não te tiver por perto de certeza que não vou ser normal, mas sabes que mais, eu já não sou normal! E isso não vai ser um problema porque tu também não vais estar lá para me por a pensar nisso!

E digo-te mais, eu sei um truque para te tirar energia e saber quando estás escondido!

Então?

É simples tu só existes no meu passado e no meu futuro, por isso se eu pensar apenas no presente tu não existes! E sei que quando estiver a pensar no passado ou no futuro, mesmo que não digas nada, tu estás lá, a fazer perguntas... mesmo que

baixinho vais estar sempre à espreita para assumires o comando. E eu vou saber, porque vou sentir o meu coração a apertar-se e vai doer. Mas aí, eu vou olhar para o céu. Vou descobrir um céu diferente. Vou olhar para ele como se fosse a primeira vez. Se calhar até vou chorar, porque o céu é muito bonito, e as coisas bonitas fazem-me chorar... mas tu vais desaparecer, ou talvez mesmo dizer “Os homens não choram!”. E eu vou ouvir-te, respirar fundo e vou sorrir...

Mesmo que seja de noite não há problema, porque o céu à noite também é muito giro e haverá sempre, pelo menos, três estrelas a brilhar, que estarão sempre lá. Eu sei... Elas disseram-me!

Ciao!

Em segundo lugar

come out!

...it's just the beginning!

...é apenas o princípio!

I

in – antes de – out

Coming out, ou “sair do armário”, é o nome dado ao processo de transição pelo qual os homossexuais passam quando assumem a sua orientação sexual para outras pessoas. Não sei se o meu caso é generalizável para os outros homossexuais, mas eu vivia aterrado com o medo de contar. Contar aos meus amigos, contar aos meus pais, contar ao mundo...

Mas por que é que tenho de contar? Ninguém diz: “Tenho uma coisa para te dizer, sou heterossexual!” – Isso não acontece porque simplesmente ninguém põe a hipótese de tu não o seres: “Tu pareces normal, e és um gajo porreiro... Não podes ser.”

É porque o preconceito existe que há tanta gente a sofrer. E o preconceito existe porque as pessoas têm medo. Têm medo daquilo que não conhecem. E as pessoas conhecem muito pouco sobre a homossexualidade. Conhecem poucos homossexuais. Existe falta de referências. E os homossexuais têm medo da

discriminação. Então escondem-se. E isto é um ciclo que não pára.

Se houve alguma coisa que aprendi com este processo todo é que existe mesmo muita gente a sofrer. Desde relatos de pessoas rejeitadas, até cartas de suicídio, são fáceis de encontrar na internet, passando por pessoas que simplesmente vivem vidas duplas, aterrorizadas pelo dia em que alguém vai descobrir.

E é por tudo isto que não posso deixar de partilhar a minha história. Mesmo que não saiba qual será o final, espero poder ajudar alguém. Mais do que ajudar alguém que seja homossexual, ajudar quem teve o privilégio de ter um verdadeiro amigo, filho ou irmão, que partilhou o seu sofrimento consigo.

Numa situação destas é fácil sentirmo-nos impotentes mas isso não significa que tenhamos de o ser.

São também o conhecimento e a informação que iluminam a nossa mente. Se não procurarmos saber mais será que estamos preparados? Ou seremos apenas prisioneiros dos nossos medos e preconceitos. E aí, não adianta queixarmo-nos do sofrimento que nos rodeia.

II

segundos em horas

Eu vou ter de lhes contar.

Já passaram 24 anos e isto não mudou, também não vai mudar. Tem de ser. Não me sinto preparado. O meu coração está a bater muito depressa. Como é que faço? Já sei! Vou chamá-los e digo-lhes. Depois seja o que for, eu vou estar lá para responder. Se calhar não é uma boa altura. Mas também, não há boas alturas para isto. Grrr... Que raiva! Bem, tem de ser, tem de ser. Vou contar até 10 e depois vejo se já é melhor altura. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez. Merda, já acabou. Inspira, expira. O que é que estás a sentir? Medo PORRA! Inspira, expira.

- Mãe preciso de vos dizer uma coisa, podés chegar ali abaixo?

Mãe – O que é que se passa?

Isto vai custar tanto... Tem mesmo de ser? Tem!

- Pai, pode chegar aqui que eu preciso de vos dizer uma coisa?

Pai - O que é?

Merda!

- Pai preciso que chegue aqui.

Estou gelado e a ferver! Nunca tremi tanto na minha vida! O meu coração parece uma coluna de cem watts! Isto está tudo apenas na minha cabeça... Vai correr bem. Só tens de ser verdadeiro. A verdade é poderosa. Se não fizeres isto não vais conseguir ser feliz.

- Gostava que lessem isto.

P - Epá, tantas páginas. Não podes fazer um resumo!

- Posso.

Como é que eu digo isto? Digo simplesmente! Não há muito para dizer. Mas há tanto para explicar... Eu só quero que vocês gostem de mim. Gostam? Vá lá!

M – Diz lá que já estou a ficar nervosa.

Bolas, agora já não tenho saída. Grrr... (comecei a chorar.)

- Bem. Não há maneiras fáceis de dizer isto... A questão é... quer dizer não é questão nenhuma... O que eu tenho para vos dizer é que, embora não me orgulhe disso, eu sou homossexual.

Voltei! Onde é que eu estive? Estou vivo? Silêncio! Merda! Tenho que dizer qualquer coisa!

- Eu sei que para vocês é complicado, pois para mim tem sido mesmo muito difícil. Mas percebi que não tenho escolha, e por isso tinha que vos dizer... Esse texto mostra um bocado o meu processo, acho que é importante para perceberem tudo isto.

P - Ultimamente tem-me estado tudo a correr mal. Era a última coisa que estava à espera.

- Pois, acredito.

M - Como deves compreender, para nós é complicado. Nós vamos sofrer com o teu sofrimento.

Irmão - Olha, para mim não muda nada. Se precisares de alguma coisa podes sempre contar comigo.

M - Sim, para mim também não muda nada.

Ok. Isto não está a correr mal de todo. Podia estar a ser muito pior. Porque é que sinto tanta vergonha? Porque é que o meu pai não diz nada? Deve estar em choque. Só me apetece fugir! Porque é que eu nasci assim? Será que nasci assim? Porque é que nasci? Merda!

M - Tens de perceber que a tua vida não vai ser fácil. Vais ter de enfrentar muitas dificuldades...

Ya. E não temos todos? Não me interessa os outros! Interessam-me vocês! Digam que me amam, que gostam de mim! Preciso mesmo de vocês, não percebem? Eu sou o mesmo! Não mudei! Há cinco minutos vocês não sabiam e não me olhavam assim. Se calhar isto é da minha cabeça. Pai, diz qualquer coisa... Se vocês soubessem como eu gosto de vocês...

Eu sei.

M - Então agora o que é que esperas de nós?

Bolas, eu contei-vos a coisa que mais me assusta na vida e perguntam-me o que é que eu espero de vocês? E que tal que gostem de mim? Que me aceitem? Que o demonstrem? Eu preciso de vocês!

- Eu não espero nada. Gostava que lessem esse texto para perceberem melhor o que eu tenho passado.

M - Eu vou ler, mas não agora, não estou com cabeça para ler. E tu?

P - Eu não tenho interesse nenhum em ler essa porcaria. – Levantou-se e foi-se embora.

Ok. Era isto que eu não queria que acontecesse. Eu só queria uma oportunidade! Que merda! Isto é tudo culpa minha! Se eu me tivesse esforçado mais... Mas eu esforcei-me! E agora. Nunca mais vou ser capaz de o olhar na cara. Que vergonha! Destruí os sonhos dele. Será que ele sonha? Claro que sim!

Tenho de sair de casa. Rápido. Eu não posso ficar aqui. Só me apetece morrer. Era tudo tão mais fácil se... Que raiva!

(Peguei no carro e andei por aí...)

III

horas em segundos

Porquê? Porquê? Porquê?

Não há respostas!

Pensava que era mais forte! Olha para mim: sozinho, completamente sozinho no mundo! Só me apetece chorar e já nem isso consigo. Esgotei as lágrimas. Dói-me a cabeça.

Será que o meu pai me vai matar? Era tão mais fácil para mim! Assim pelo menos iriam ter pena de mim! Que raiva! Eu nunca serei feliz! Também nunca fui! Ele nunca vai perceber... Nem quer. Eu sou a vergonha dele. Será que ele acha que a culpa é dele? Não acredito.

Se ele soubesse como eu sempre tentei ter o amor dele! Eu sonhava que ele me ia dizer que gostava muito de mim. Eu só queria que ele gostasse de mim... como eu gostava dele! Ele sempre foi como um ídolo para mim. Mas um herói de que eu só podia gabar-me com os outros. Eu nunca lhe poderia dizer que gostava dele! Isso era para os fracos.

Abri a porta devagar para não fazer barulho.

Uff! Estão todos a dormir. Não me apetecia mesmo ver ninguém! Mas isto não pode continuar assim. Deve estar a ser muito difícil para eles. Tenho de ser forte. Tenho de ser corajoso.

E eles não?

Tu demoraste tanto tempo a aceitar a realidade, aliás ainda nem te aceitas a ti próprio. Tens de compreender que para eles é complicado! Tens de estar presente. Tens de estar disponível. A partir de agora tens de fazer um esforço para estar mais tempo em casa. Certo!?

Como é que eu consigo aguentar tanto sofrimento? Como é que é possível? Isto não é humano! Ainda nos chamam de maricas! Como é que é possível?!

Estou esgotado... vou dormir...

IV

ex-aequo

igual mérito, igualdade, equiparação

Que giro! Uma associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e simpatizantes em Portugal! Eu ando a queixar-me que não conheço ninguém, que não existem modelos, referências... Esta é uma boa oportunidade para deixar de pensar que sou o único a sofrer...

Bem, algum dia terá de ser... será hoje!

Como será? Será que vou encontrar alguém conhecido? E se isso acontecer o que é que faço? Não, isso não vai acontecer. Não pode! Será que vou ser bem recebido? Se calhar o melhor é dar uma volta primeiro vou vendo as pessoas e depois se parecer seguro entro. Grrr... Porquê? Isto é tão ridículo!

Ceguei. Deixa-me estacionar longe da porta. Ok, já está! Inspira, expira. Vamos a isto? Bora!

Muito bem, avança com ar decidido não vá alguém notar que estás perdido.

"Como se não fosse nítido que tu estás perdido! Ahhhh"

Merda, estou a tremer. Controla-te.

Ok, agora como é que eu sei onde é que vai ser a reunião. Não me digas que vou ter de perguntar a alguém! Estou mesmo a ver: Olhe desculpe onde é a rede ex-aequo? – um risinho cínico de alguém que está a pensar: Mais um maricas.

Ok, não há nada a dizer... acho que vou mesmo ter de perguntar. Que vergonha! Está ali um senhor de idade que tem ar de ser de cá. Ele é capaz de saber, e até tem um ar amigável.

- Olhe, desculpe, eu vinha... quer dizer... por acaso sabe dizer-me... onde é a reunião da rede ex-aequo?

Consegui!

- Claro, venha comigo – segui o senhor com o ar mais confiante que consegui arranjar e naquele momento decidi não pensar.

- Olá! Bem-vindo à rede ex-aequo – disse-me uma rapariga com um ar muito simpático que entreteve o meu pensamento durante vinte minutos ou meia-hora. Explicou-me o que era, como funcionava, o que faziam e o que não faziam, e eu só pensava: “Bolas, tu pareces mesmo feliz, porque é que eu não consigo sentir isso?”

Atrás de mim entrou outra rapariga, que também vinha pela primeira vez, que me disse que ouviu a minha pergunta de onde era a reunião e veio atrás de mim.

Faltava pouco tempo para me sentir mais confortável. Cada vez que a porta se abria e entrava alguém o meu coração acelerava como se fosse rebentar. Será que vai entrar alguém conhecido? Se for fujo. Vou-me embora! Mas isso vai dar ainda mais nas vistas. Não pode ser... hum... uff, não é! Não foi desta.

A reunião acabou em menos de nada, o tempo passou a correr, soube-me a pouco. Não senti que saíssemos de uma qualquer conversa banal sobre conceitos à volta do mundo homossexual. Senti que faltava qualquer coisa. Faltava-me ver as pessoas por dentro, perceber que têm medo, vergonha e preconceitos como eu. Eu queria ver que eles eram iguais a mim, eu queria que eles fossem iguais a mim... Queria compreensão, queria atenção, queria amor. Queria um comprimido que resolvesse todos os meus problemas.

Saí de lá com a certeza de que ia voltar e contente de ter conseguido.

V

quando as portas parecem fechar-se

“Estou desesperado. Não sei o que fazer, só me apetece desistir... desistir de tudo. É como se nada fizesse sentido. Apetece-me morrer, mas nem para isso tenho coragem.

Estou a chorar há duas horas e já não tenho lágrimas, mas sinto todas as partes do meu corpo a chorar. Nada faz sentido. Penso em tudo e não consigo encontrar qualquer sentido para o que sinto... Já dei voltas lá fora a pensar, a tentar arranjar alguma coisa para me agarrar... e nada. Sinto-me ridículo... até por sofrer. Quem sou eu para me queixar? Um menino mimado que não sabe o que custa a vida? Talvez, mas mesmo assim não consigo parar de sofrer.

Não há palavras que traduzam o que sinto. Nem sequer sei porque é que sinto o que sinto... Sinto que ninguém gosta de mim e que não acrescento valor a nada do que me rodeia. Sou mais um... e um à deriva, sem norte. Estou perdido! Já toda a

gente o sabe! Estou farto do repetir, mas ninguém se importa. Nem eu... eu sou o pior porque nem de mim consigo gostar...

Amigos? Tenho tantos e ao mesmo tempo sinto não ter nenhum. Quando tudo está bem são todos brilhantes. Consigo ser o tipo divertido com quem todos podem gozar. Mas se preciso de ajuda não a consigo pedir... que culpa têm eles? Perguntam se está tudo bem, como se não estivessem já fartos de saber que não está... mas é mais fácil ignorar, fazer de conta, ou simplesmente não ligar. Há-de passar, tudo passa. Sempre passou. Mas o que é que interessa perguntar se eu estou bem, se de facto estou na merda? O pior é que continuam a gozar, e eu sinto-me mais abandonado. Fico ainda mais em baixo. Meto o “sorriso trinta e três” pois não se pode dar parte fraca. No fim, o hipócrita sou eu. Disso não tenho dúvidas. Era tão mais fácil se fosse capaz de pedir ajuda... Mas um homem não chora. Não chora nem pede ajuda... tem certezas. E eu não tenho nenhuma. Só preciso que gostem de mim, que se preocupem comigo...

Olho à minha volta e não consigo ver ninguém... mesmo sabendo que estão lá. Não vejo ninguém. Isto é masoquismo, é estupidez! Mas eu não dou para mais. Era tudo tão mais fácil quando tinha certezas... Era tão mais fácil fazer de conta. Já não consigo fingir mais, sou um inútil. Para quê sonhar se cada dia me sinto mais sozinho, mais abandonado e com menos razões para viver? Tudo é um drama nesta cabeça, porquê?! Que atrasado mental!

Mas eu não tenho forças para mais. Ou tenho? O pior é que tenho. Porque é que eu sou assim? Porque é que eu sofro por tudo e por nada, e crio estes filmes que só me fazem sofrer mais?

Porquê!? Se calhar já não estou bom da cabeça. Não, não pode ser isso! Eu sei que basta sentir que precisam de mim e visto logo o fato do Sr. Contente... com toda a lucidez. Mas não me apetece mais, estou cansado. Coitado! Tão novo e já cansado. É ridículo eu sei, eu sou ridículo, a minha vida é ridícula, e eu não sei mais o que fazer...

Mas chorar faz bem... e dormir também...

À vergonha de ser assim junto a vergonha de que saibam que sou assim... rancoroso, vingativo talvez, mas acima de tudo perdido e vulnerável.

Vou dormir e amanhã voltarei a sentir vergonha... até de ter pensado: “Como é que me querem convosco?” – isto é ridículo... MESMO!”

É impressionante a quantidade de asneiras que nos passam pela cabeça quando estamos a sofrer! Uma série de coisas sem sentido que fazem todo o sentido para nós, naquele momento. Não conseguimos parar o pensamento até que alguém nos diz: “Eu gosto muito de ti”, e o nosso coração parece voltar a bater. E fica a pergunta: “Se achamos que ninguém gosta de nós como somos, o que é que será melhor? Ficar a sofrer porque não conseguimos acreditar noutra coisa, ou dar a hipótese a um amigo de nos responder?”

VI em rede

“Olá :)”

Olá, td bem?

Td e ctg?

Dd teclas?

De lx e tu?

Tb, de q zona?

Benfica e t?

Algés, q idd tens?

22 e tu?

23

O que procuras?

Amigos, pessoal fixe, não sei, alguém interessante, e tu?

Tb, e o q é q fazes na vida?

Estudo e tu?

Tb

És gay?

Tb :) Sou bi e tu?
E alguém sabe?
N e de ti alguém sabe?
Tb n, costumás ir a sítios gay?
Eu n, n curto essas cenas :p
Desculpa perguntar isto, m és discreto?
Como assim?
Tens tíques?
Né pia, sou bué discreto
Pareces ser um gajo fixe ;)
Tu tb :) E o que é que gostas de fazer?
Gosto de sair, estar com os amigos, ir ao cinema
Ya, eu tb, gosto de praia e tb gosto mto de ler
Tens foto?
Ya e tu?
Tb
Mostra
Ok, m tb mostras, certo?
Ya, na boa
És giro :)
Tu tb
Gostavas d combinar um café?
N sei, curtia conhecer-t melhor primeiro...
Costumas vir aqui?
Epah às vezes
Ya eu tb
Conheces muita gente gay/bi?

N

Pois eu tb n

Já tiveste algum boyf?

N e tu?

Eu tive 1, mas acabamos

A sério? Pk?

Epah, n m apetece falar disso

Ok, na boa”

VII

enamoramento

“falling” in love

“Não sei bem porque te estou a escrever mas sinto que preciso de exorcizar o que me vai na alma. Desculpa qualquer coisinha... Eu sou um bocado como a Maria na “Música no Coração”, e muitas vezes digo tudo o que me vem à cabeça! Ou pelo menos tento...”

Conheci-te há uma semana, e confesso que senti uma empatia enorme. Percebi que estava ali alguém que podia vir a ser um bom amigo. Quando me falaste do Diogo, senti a tua ternura e preocupação. Foi reconfortante!

Essa foi uma noite cheia de coisas e pessoas novas... muita emoção. Estive algum tempo à conversa com mais alguém e lembro-me de pensar: “Brutal, outra pessoa interessante!” – Isto para mim tem um significado especial dada a minha necessidade me identificar com outras pessoas, e aceitar-me como eu sou (“espudizeses” minhas...).

Veio mais um dia de festa. Mais emoção e novidade. Senti que já estávamos ligados, como se nos conhecemos de tempos antigos, e fui sentido o teu toque... Estávamos em tua casa e disseste-me “Tenho um pressentimento que vais ser um dos meus melhores amigos” e eu pensei: “Não pode! Eu sinto o mesmo. Estranho!” – Mas não liguei. Pediste-me para ficar, eu não podia, eu não devia, parte de mim dizia que sim e a outra dizia que não... Fiquei!

Mal eu sabia que nessa noite me irias aquecer o espírito. Aproximaste-te com um cuidado de quem tem medo de partir alguma coisa e tocaste-me na alma. Com menos de uma hora de descanso, a dormir pelos cantos, andei o dia todo com um sorriso idiota na cara... Faltou-me a coragem de te beijar, mas sentia que não devia. Estaria a meter-me num caminho que não queria... Eu sei que sou uma pessoa de obsessões mas aquilo estava fora dos meus limites.

Não me saías da cabeça, e eu não sabia o que fazer. As tuas palavras faziam-me tremer e ao mesmo tempo sentia que estava a fazer merda! *Been there, done that!* Diogo parte II! Eu não quero isto! Só me apaixono por pessoas comprometidas! Que raiva! Mas ele parece que também gosta de mim! E ele é tão querido! Ahhhhh raiva!

Na segunda-feira tinha que estar contigo, tinha de te dizer o que sentia, tinha de saber o que sentias. Não te disse nada. Não tive coragem. Mas mais uma vez o meu coração ganhou à razão, e o teu respondia. Davas-me esperança. Senti que o meu coração batia à velocidade de um comboio. As dúvidas na minha cabeça

aumentavam. O teu toque dizia-me que não estavas interessado apenas num momento fugaz.

A minha cabeça digladiava-se com o coração. Lembro-me que me sentei em cima da tua cama e disse para mim mesmo: “Isto não faz sentido. Vou-me embora!” – Cobarde... fiquei!

Foi aí que senti a força dos teus lábios pela primeira vez, o poder do teu cheiro, e o carinho das tuas mãos. Senti que o mundo naquele momento parou de rodar para olhar para nós. Perdi qualquer controlo sobre o meu corpo.

Comentei com alguém que me sentia a ir para um buraco sem fundo. Que nada daquilo fazia sentido.

E não fazia, e não faz.

Lembro-me de lhe dizer que preferia que tu me disseses que querias só ser meu amigo, que para mim era tudo mais fácil! Que eu precisava de um resposta clara mas tinha medo de destruir os castelos que com carinho ia construindo na areia... não perguntei!

“Tb gosto de ti...” – disseste.

Apesar de tudo, e de nada, andei dois dias com o teu cheiro no meu nariz. Não me perguntes como, porque eu tomo banho todos os dias...

Isto tudo para te agradecer pelos dias em que me fizeste mesmo muito feliz, e para dizer: “Sim, eu quero muito ser teu amigo!”

Amigo é, amigo será.

A prova que te posso dar da minha amizade é partilhar contigo o mais íntimo do meu ser. Faço-o porque sinto que é o que quero fazer, independentemente do medo que sinto do teu

juízo. Mas enfim! É a vida! Todos temos medo do que os outros dizem, pensam e fazem!

Gosto mesmo muito de ti! Tu és especial, e sabe-lo! Bem-vindo à minha vida.”

VIII

estender a mão

Que dia!

Esta semana atraí para a minha vida, devia estar distraído, um rapaz que conheço das reuniões da rede ex aequo e que estava completamente no limite da sanidade mental. Senti que o devia ajudar, até porque não me pareceu que a coisa fosse sair dali facilmente...

Depois de perceber que ele se sentia num beco sem saída decidi enviar-lhe parte deste texto. Pensei que o pudesse ajudar a dar algum passo, a encontrar um caminho. Não sei se bem, se mal, mas o que é facto é que ele me respondeu com um email de seis páginas a contar a experiência dele. Quando li o texto dele fiquei em estado de choque e percebi que tinha mesmo que fazer alguma coisa.

Senti-me impotente. Senti que não podia fazer muito senão falar com ele e tentar acalmá-lo. Algo que para ele era muito, e para mim era tão pouco.

Ao mesmo tempo sentia que ele tinha de fazer alguma coisa, caso contrário ia explodir, mas não queria interferir, não queria estar a pressionar, enfim... Estava com medo.

Achei que ele devia falar com um psicólogo, quem diria, pois o estado de nervos dele parecia-me estar a fugir do controlo... Inclusive liguei para todos os números de psicólogos que estão num site da internet mas, para o bem ou para o mal, ninguém atendeu... Confesso que estava a ficar à rasca!

Foi algo difícil de gerir... Até hoje! De manhã ele estava completamente fora do limite e eu percebi que ele tinha mesmo que dar algum passo, ou pelo menos eu acreditava nisso. Ele ia almoçar com a melhor amiga por isso incentivei-o a mostrar-lhe o que me tinha mostrado a mim, a ela. “As raparigas são sempre mais compreensivas nestas situações. Afinal de contas ela é a melhor amiga dele!” – Pensava eu com os meus botões.

“Tu és o que és, aceitar-te ou não é uma escolha que os outros podem ou não fazer. Tu continuas a ser quem és por isso é assim: Tu tens é que ser feliz!”

“Eu sei... a mim também já me passou a mesma coisa pela cabeça muitas vezes mas a questão é que isso é apenas medo de que os outros não gostem de nós como nós somos! A tua solidão está na tua cabeça! Porque TU NÃO ESTÁS SOZINHO!”

(como é que eu posso ter dito isto?!)

Pelo que já vi na minha curta vida, achei que era impossível alguém ler o texto dele e não estender automaticamente a mão... Simplesmente não havia outra hipótese! Enganei-me... A amiga dele começou a chorar e foi-se embora.

Dado que ele já se tinha tentado suicidar uma vez e não me atendia o telemóvel, fiquei completamente à rasca! Só pensava: “Como é que é possível!”

Até que finalmente consegui falar com ele e fui tentando acalmá-lo.

“Só sei que hoje ainda vou fazer merda a sério!” – disse-me ele.

Tentei várias vezes que ele quisesse ir tomar um café, até que finalmente consegui.

Estivemos a falar durante três horas, sobre tudo e sobre nada. Uma ansiedade e um desespero enormes. Uma angústia e frustração por não conseguir fazer nada. Tudo o que dizia fazia-me inteiro sentido mas sentia que ele não queria ceder ao desespero. Não sabia se o estava a ajudar, mas argumentei por todos os caminhos que consegui. Ele dizia-me: “Mas tu desconstróis tudo. Eu não posso por em causa as regras e padrões da sociedade!” E eu ali, sem baixar a guarda, (quem diria... a vida é mesmo irónica!) a tentar explicar-lhe que ele não magoa mais ninguém senão ele próprio, enfim...

Finalmente vim para casa, quando recebi uma mensagem:

"Desculpa se não reagi como devia mas eu não podia acreditar no que estava a ler. No que te deveria ter feito sentir várias vezes com os meus comentários parvos. Desculpa mas para mim continua tudo na mesma. E foste muito corajoso em falar, conta comigo, como sempre contaste. Agora até posso comentar os rapazes contigo, sim quero saber os teus gostos :p Adoro-te muito, espero que saibas disso."

Era a amiga dele!

Afinal eu estava certo, a amiga não podia simplesmente ter ignorado o pedido de ajuda dele... A honestidade. A coragem. Não fazia sentido! Supostamente a integridade tem efeitos garantidos!

Estar vivo é uma aventura...

Obrigado aos que tiveram este papel comigo! Agora dou muito mais valor :) Se bem que já dava. Tudo está bem quando acaba bem... Que dia!

IX

oh meu Deus

“Ser ou não ser... eis a questão!”

Toda a pessoa que se depara com a questão de ser ou não homossexual ganha, quase garantidamente, um bilhete de ida para um caminho de perguntas sem resposta! A grande pergunta que me continua a chatear é a seguinte: Se este caminho é tão percorrido, como é que não há já respostas a essas perguntas em todo o lado? Porque é que é tão difícil encontrar respostas? Porque é que toda a gente tem de sofrer tanto para se aceitar, dado que tanta gente se depara exactamente com as mesmas perguntas!?

Eu posso tentar responder a essa pergunta. Existem várias hipóteses. Será que cada um tem de encontrar as suas próprias respostas? Será que, quando se encontram as respostas, as perguntas deixam de fazer sentido e caem no esquecimento? Será falta de coragem para partilhar? Será que não há espaço para se

falar? Será preferível ignorar? Será que o que interessa são as perguntas e não as respostas?

Da minha curta experiência, as respostas, mesmo que erradas, podem salvar a vida a muita gente. Quer gostemos quer não quase todos passamos por uma altura em que achamos que a única solução é não haver solução. E nem todos passam para a fase seguinte! E há tanta gente à procura das mesmas respostas... É por estas e outras razões que eu estou a dar o meu testemunho e vou partilhar as minhas respostas.

Tudo começa com a dúvida se somos ou não homossexuais, ou com a certeza que não se é. Será tudo isto uma fase passageira? Ou é simplesmente uma perversão a combater freneticamente? Afinal de contas a natureza é clara. Existem dois géneros. Não deve ser obra do acaso! Mas o facto inegável é que sentimos o que sentimos, e não o queremos sentir, não foi o resultado de nenhum pedido.

Isto da natureza é mesmo muito confuso, até porque desconhecemos as leis que explicam tudo... até os que pensam que as conhecem têm dúvidas!

Desde a nossa infância que somos bombardeados com uma série de informação sobre o que é certo e o que é errado. Ensinam-nos o que mete medo, o que mete nojo, o que é bonito e o que é feio, e nem nos apercebemos que essa informação não nasceu connosco, não é universal, não foi uma escolha nossa. No entanto, vamos defendendo essas “verdades” junto dos nossos amigos. Dizemos-lhe “a vida é mesmo assim”, ignorando simplesmente que o nosso vizinho, que mora do outro lado da rua, vive a sua vida de um modo totalmente diferente do nosso,

com outro conjunto de “verdades”, apenas porque o seu contexto social, económico, familiar, cultural, religioso, ou outro, é diferente.

“Mas isso não faz sentido, as plantas crescem todas na terra, as pedras caem todas para baixo, as pessoas também deviam ser todas iguais, eu devo ter um problema qualquer!”. Não tens, as pessoas são todas iguais e todas diferentes ao mesmo tempo!

Todas têm medo. Todas têm certezas e incertezas. Todas têm coragem e falta dela, saúde, sonhos e desilusões! Mas “o essencial é invisível aos olhos”, e o que é difícil ver é que é o facto de serem todas iguais que as torna diferentes. Todos somos contadores de histórias e estamos constantemente a contar-nos a nós próprios a história da nossa vida, ignorando que existe um infinito de outras maneiras de contar a mesma história. Eu próprio estou a contar-te histórias sobre a minha vida. Essas histórias fazem-nos ter a ilusão de que precisamos de as contar e reforçar para sentirmos que a vida tem um significado, um sentido. Para sentirmos que controlamos a nossa vida. A novidade é que não precisamos das histórias para sentir isso, desde que abramos o nosso coração!

Uma das grandes dúvidas com que nos deparamos, e que acreditamos que temos de resolver antes de fazer o que quer que seja, é se é lícito sentirmos aquilo que sentimos. Parece ridículo, não é? Mas é assim mesmo.

É outra forma de perguntar se a homossexualidade faz parte da nossa identidade enquanto seres humanos. Será a mesma coisa que ter os olhos castanhos? Ou será a mesma coisa que não

gostar de chocolate? Se calhar é mais como fumar, é um vício. Ou então como gostar de praia. Associamos coisas que gostamos à praia e por isso gostamos da praia e vemos a praia como uma coisa boa!

Se olharmos para a ciência existem várias teorias, algumas contraditórias. Há pessoas que defendem, e tentam demonstrar, que se trata de uma característica genética do indivíduo. Há outras pessoas que dizem que é consequência de “traumas” ou de determinadas experiências do indivíduo que afectaram o seu comportamento. Ou seja, que é consequência da experiência social do indivíduo (estas são as teorias que nos levam a olhar para a nossa infância em pormenor à procura do espinho encravado que quando libertado vai resolver todos os nossos problemas). Claro que, como em tudo, existem os conciliadores que dizem que existem vários tipos de homossexualidade, mas que na maioria dos casos existe um factor genético e uma componente social. Posto isto, tenho duas notícias para te dar, uma é boa e outra má:

- Ninguém sabe, nem te vai conseguir dizer porque é que tu te sentes atraído por pessoas do mesmo sexo. Esta é a má.

- Tu não precisas de saber isso! E esta é a boa.

Agora entra em acção uma vozinha dentro da tua cabeça (Olá!) que te está a dizer “Não é possível! Mas eu vou desiludir e magoar toda a gente! Eu só dou chatices aos meus pais! E se isto não passa de um devaneio! Ainda me vou sentir pior! E se posso evitar todo este sofrimento? Afinal de contas consegui evitar até agora, e eu até tive momentos de felicidade fugindo disto! Deve

haver uma cura! Tenho é de me esforçar mais! Como toda a gente para ser uma pessoa “decente” tenho de fazer sacrifícios!

ALERTA! Tu não és essa voz! Sim ela faz parte de ti! Mas ela só quer que tu fiques bem visto na fotografia! Ela não quer que sejas feliz, quer que fiques seguro, que não arrisques e que não saias do que já conheces!

Agora importa perceberes que essa voz depende dos outros, e tu não! Tu só dependes de ti!

Mas ainda não te expliquei porque é que não precisas de saber nada além do que já sabes. E provavelmente agora estás mais desconfiado. Afinal de contas eu estou a ameaçar a voz com a qual tu tanto te identificas e tanto te faz sofrer. Só te posso dizer que não acredites em mim, pensa por ti!

Voltando ao meu ponto: se tu nunca vais saber, o que é que te adianta pensar nisso? Nada. Por outras palavras, para cada problema existe pelo menos uma solução, mas existe sempre, sempre uma solução. E este problema também tem solução, sabes qual é? É simples “não tem solução”, essa é a solução! Por isso está resolvido! É um assunto fechado! O que sentes agora é tudo o que tens para decidir, por isso decide agora. Se amanhã sentires outra coisa, decides outra coisa. Não há problema!

Fechado este ponto, ainda podes estar a pensar: “Mas que direito tenho eu de magoar os outros, de os desiludir?” E é aí que eu te pergunto: “Quem é que os iludiu? Foste tu, ou foram eles?” Eles criaram uma ilusão para a tua vida, e a culpa é tua? Não. É deles? Também não. Porque simplesmente não existe culpa! Se eles vão sofrer? É possível que sim, se forem os teus pais provavelmente sim. De certeza que não, se forem teus amigos. O

único sofrimento que um amigo tem, é o arrependimento de ter gozado com pessoas como tu sem pensar que te estava a magoar!

Mas provavelmente tudo isto tem pouca novidade para ti, a novidade é que tu não dependes de ninguém a não ser de ti próprio! Todas as questões só existem na tua cabeça, tu és o teu tabu! Como é que isto te pode ajudar? Não sei, mas não deixa de ser verdade.

A resposta a todas as questões é simples: somos nós que as complicamos. Há pelo menos dois caminhos. O caminho do sim, e o caminho do não. Se escolhermos o caminho do sim, temos o sim, se escolhermos o do não, temos o não. Por isso resta-nos escolher, a cada dia, a cada momento, a cada instante. E escolher o sim, é agir, é andar para a frente sem olhar para trás e sermos responsáveis pelas nossas vidas. É obrigarmo-nos a ser felizes, mesmo que isso custe, porque parados não resolvemos nada, não descobrimos nada de novo. Eu sei que não nos sentimos preparados, eu não me sinto preparado, mas também sei que nunca vou estar, por isso avanço, ao meu ritmo, escutando o meu coração.

Em terceiro lugar

finalmente

I

marcas de vida

Muitas pessoas quando confrontadas com o seu processo de *coming out*, consciente ou inconscientemente, optam por contar a um amigo antes de encarar a família. Comigo também foi assim.

Sabendo o que é revelar uma coisa destas a alguém, não posso deixar de partilhar algumas das reacções, que me acompanharão para o resto da minha vida.

“Ainda bem que decidiste o que quer que tenhas decidido... Eu às vezes sou muito pessimista por isso não ligo muito ao que te digo. Só na viagem para casa consegui perceber o que de facto fizeste hoje. A tua coragem foi brutal e para mim foi muito forte ter sido uma das primeiras pessoas com quem partilhaste o que realmente sentes. Obrigado e vê se consegues desligar o circuito e descansar que também faz bem. Abraço”

“Ontem abriste a porta mais bem trancada do teu coração, da tua felicidade, de quem tu és. Agora estás a começar a tirar as barreiras, os muros e aos poucos a dar-te a conhecer, a ti e aos outros. Por isso (e por muito mais...) admiro bastante aquilo que és e quero que saibas que eu estou aqui. Como sempre estarei para te dar a mão quando precisares e ir para a rambóia quando nos apetecer. E para mim nada mudou, apenas agora percebo a razão dos teus muros e sei que serás livre e poderás encontrar a felicidade. Bem isto vai profundo mas é a minha forma de te dar um abraço e dizer que eu estou aqui.”

“Amigo, não queria deixar de dizer que te admiro e que acho mesmo que serás feliz. É uma honra ser teu amigo. MESMO. Abraço”

“Tenho pensado em ti, enquanto me deixo levar pelo comboio para a terra do frio. Lembro-me de duas palavras que me disseste. Coragem e Presente. A minha tinha sido Presente, não no sentido de viver, mas sim na vontade de estar mais presente para as pessoas. O que eu quero dizer com esta gonorreia escrita é que estou aqui, para caminhar ao teu lado e com uma mão sempre estendida. Gosto muito de ti. Já o sabes e (tinha aqui um mas) gosto de o repetir”

“Já reli o teu texto duas vezes... Tocaste-me mesmo. Sei que quando transpomos sentimentos e emoções para o papel, temos sempre tendência a enaltecer as palavras. Mas a forma introspectiva que adoptaste para exprimir sensibilizou-me

profundamente. Mais claro é impossível... Aliás não és especial por acaso. Tu sabe-lo bem.”

“Queria só que soubesses que me faz mesmo, mesmo, mesmo feliz o facto de teres falado comigo... e tão bem, tão aberto e transparente... tem consciência que estou, e continuarei a estar sempre aqui para ti, beijinho”

“Sempre foste, és e serás um exemplo para mim. És um ser humano gigante. Tenho a certeza que ainda vais ser muito feliz. Um beijinho de quem estará sempre aqui e gosta muito de ti.”

“Fiquei muito comovida pela tua partilha tão sincera e tão íntima... e por confiares em mim... Primeiro que tudo: Obrigada pela tua perfeição que eu tanto admiro!!!! E também pelo teu testemunho de coragem e de sensibilidade! Eu só consigo por um lado, pedir desculpa pelas minhas inconveniências que são sempre muitas (quem diria a profissão que escolhi, em...) e se de alguma forma te fiz sentir mal... Mas o que me apetece mesmo dizer é que TENHO A CERTEZA QUE SERÁS MUITO FELIZ, porque se é feliz quando se faz por isso, quando se deseja mesmo ser feliz...”

“És meu amigo, e és agora mais que nunca, gosto muito de ti, e se este e-mail não é apagado mal leres corto-te a pila (também assim como assim, também já não precisas)”

“Acho que deves ter acabado de renascer um pouco, ou pelo menos vais renascendo agora um pouco todos os dias. Se já tinha admiração pelas tuas “personagens” tenho agora pela tua coragem (a nossa sociedade é um pouco imbecil). Estás à vontade para ser homem do lixo, palhaço, *whatever*... E estás obrigado a seres como és. Desculpa se te obrigámos a tentares não seres aquilo que és.”

“Ontem deste-me a honra de entrar na porta do teu verdadeiro eu, de poder finalmente conhecer o Ricardo. Talvez a maior prova de que contas com a minha amizade e eu posso contar com a tua. A verdade é que não há nada a digerir! Que me acobardei perante a tua sinceridade! Espero estar à altura de ser teu amigo! É esse o meu voto, é esse o meu compromisso, que te deixo, que aqui tens um amigo!”

“[pre /conceito] Acabei agora de ler uma partilha que comeci a ler ontem. Terminas com uma frase que gostava de te dizer: és um tipo fantástico! Esta partilha alterou algo na nossa relação... Como todos os momentos de partilha, este tornou-nos mais próximos! E a verdadeira amizade constrói-se nisso. Não sei se te sentes à vontade para falar sobre ti comigo... Mas se quiseres, como sempre, podes contar comigo...”

“Já deves estar a dormir. Eu não consigo. Não paro de pensar no quanto te maltrataste estes anos todos. Obrigada por tudo. Obrigada pela confiança. Não imaginas o quanto eu gostava de estar agora ao pé de ti para te abraçar e te dizer ao ouvido que te

amo muito e que estou ao teu lado para tudo o que precisares.
Um beijo muito muito muito grande. És lindo!!!”

“Confesso que ao almoço foram tantas as coisas faladas e partilhadas que só agora me dou conta da magnitude e simplicidade das mesmas. Não estou em choque, mas sim surpresa. És um ser humano especial.”

No fundo tudo se resume a dar a volta à frase: “Serei o último a saber que sou homossexual, quando isso acontecer... vou ter uma grande desilusão!” E pensar: “Onde é que estão as coisas boas da vida?”

II

talvez sim ou talvez não

Ainda a falar sobre amizade, não queria deixar de dar alguns conselhos, se é que o posso fazer, a alguém que tem um amigo/a homossexual:

É uma escolha?

Ninguém escolhe ser homossexual, assim como ninguém escolhe ser Português, ou heterossexual. Passar por todo este processo de dúvidas, sofrimento e medo da rejeição não pode ser uma opção. Enfrentar os pais, os irmãos, os amigos... não é algo que se queira fazer. Todos pedimos a Deus, aos Anjos e aos Santos para não ser assim, antes de te contar.

Não percebo porque é tão difícil para ele aceitar-se. Saber que ele é homossexual para mim não mudou nada. O que posso fazer?

A compreensão é a palavra-chave. E para compreender é preciso saber. Fomos todos ensinados a crer que o normal é ser-se heterossexual.

Se uma pessoa partilhou contigo a sua orientação sexual é porque és mesmo muito especial para ela e existe uma relação de grande confiança entre vocês. Ele vai passar por momentos de grande ansiedade, medo, sensibilidade, irritabilidade, e outros sintomas da depressão. Nessas alturas ela pode achar que não estás a corresponder à sinceridade que ela espera de ti. Estás? Ou também tens medo? Medo de a fazer sofrer? A única coisa que pode ajudar é a tua sinceridade. É corresponderes à partilha. Será que estás a ser sincero no que sentes? Será que o que lhe estás a dizer é tudo que sentes? É sempre preferível, admitires os teus preconceitos e pedires-lhe ajuda na compreensão do que esconder.

Não é diferente de mentires a outra pessoa qualquer, é a verdade que ajuda. Se tens medo de algo, di-lo.

Nunca a julgues. A depressão e a raiva às vezes falam mais alto, o melhor que podes fazer é dares a outra face, sê corajoso.

Mas eu já lhe disse que nada mudou e que admiro a coragem dela, e é o que sinto...

Nunca, nunca, mas mesmo nunca é demais dizeres-lhe isso. Ela foi “treinada” para ver a homossexualidade como uma anormalidade.

Uma coisa que podes fazer é ler informação sobre o assunto e partilhares o que leste com ela, bem como as tuas dúvidas. Será que tens coragem para isso? Ela vai sentir que te estás

verdadeiramente a preocupar-te com ela e a ser proactivo na desconstrução dos teus preconceitos.

Se queremos saber mais sobre os incas não lemos sobre o assunto?

Será que lhe devo falar no assunto?

Fala no assunto sempre que queiras, para ela falar sobre isso é muito importante, pois provavelmente ela está constantemente a pensar nisso. Falar ajuda a desconstruir os preconceitos. Não lhe permitas que se isole. É sempre preferível seres chato do que qualquer outra coisa.

Posso ajudá-la a contar a alguém?

Respeita sempre a confidencialidade dela. É um espaço muito pessoal, que deve ser gerido pela própria pessoa. No entanto, se achares que podes ajudar, partilha-o com ela. Por mais que tu gostasses que ela desse muitos passos, é ela que tem que agir, e é ela que se tem de sentir preparada. Afinal de contas, é na cabeça dela que existem muitos dos problemas.

A pessoa está a transformar a maneira como vê o mundo e como se vê a ela própria. Esse processo é complexo e todo o reforço positivo é óptimo. Apenas é preciso ter o cuidado de não se estar a ser uma fonte de pressão mas um espaço de descompressão.

Não consigo lidar bem com os pensamentos pessimistas, e com as conversas destrutivas, o que é que ela quer dizer?

Essa é a forma que ela tem de te pedir ajuda. Não te esqueças que ela está habituada a sofrer mesmo muito sozinha e em silêncio. Se ela está a partilhar contigo o seu desespero, mesmo que de uma forma negativa, é porque quer que tu o vejas, só com amor a poderás ajudar. Lembra-te ainda que ela possivelmente perdeu, ou vive, no medo de perder familiares e/ou amigos.

Nunca ignores, mesmo que te meta medo os sinais da dor. O resultado pode ser desastroso e aí poderás ter de viver com algum sentimento de culpa derivado da questão “Poderia ter feito mais?”.

A homossexualidade é apenas sexo?

Não. Ser homossexual pode ser muita coisa aos olhos das outras pessoas, mas aos olhos de quem o é não é mais do que ser heterossexual para um heterossexual. É uma parte de nós. É parte da nossa expressão e da nossa força, racional, emocional e sexual.

Ser homossexual é diferente de ter comportamentos homossexuais na medida em que o comportamento sexual é apenas a expressão natural da identidade de ser humano.

Ao mesmo tempo ser homossexual é apenas uma característica importante da pessoa. Cada um de nós é muito mais do que a sua orientação sexual, do que as suas relações e mesmo do que as suas acções.

out

Antes de me despedir não quero deixar de contar uma história que, não sendo eu uma águia, podia a ser a minha. Vou tentar ser fiel ao que me foi contado.

Uma águia pode viver até aos 80 anos. Mas a meio do caminho da sua vida tem uma crise, uma decisão, uma escolha. O seu bico e as suas garras cresceram demais! Já não consegue comer ou caçar. As suas penas estão muito pesadas e não a deixam voar. A águia tem de decidir: renascer ou morrer.

Se escolher renascer, a águia faz o seu último voo até às montanhas e procura uma caverna. Enquanto se esconde do mundo na sua caverna a águia arranca as suas garras, as suas penas pesadas e bate com o bico na pedra até este cair. Um processo cheio de dor e sofrimento. Meses depois, com um novo bico, com novas penas e garras há novos mundos para descobrir e novos voos para se libertar. A águia renasceu. É uma nova vida!

Caso não decida voar, a morte é o seu destino.

Posto isto...

... sinto que tenho a responsabilidade de me amar como sou, pelo que sou, porque eu sou fantástico!

Bem vistas as coisas, tenho que dar o exemplo!

Vai ser difícil, mas nisto eu tenho de ser o melhor. Eu vou ser o melhor!

Eu tenho que mostrar aos outros como é gostar de mim!

Por isso só me resta dizer... Eu sou fantástico! E tu?

Também!

Sim, tenho medo!

Mas ter medo não faz mal.

Porque podemos ter medo e fazer as coisas à mesma!

E fazer coisas é fixe!

ajudar e ser ajudado

ninguém é tão pobre que não tenha nada para dar, nem ninguém é tão rico que não precise de receber

Algumas Associações Nacionais

at

a-trans.planetaclix.pt

a.trans@clix.pt

Associação para o estudo e defesa do direito à identidade de género, é uma associação sem fins lucrativos, dedicada a dar relevo, apoio psicológico, jurídico e social a todas as pessoas cuja identidade de género não seja social e culturalmente reconhecida.

Grupo de Trabalho Homossexual do PSR

R. da Palma, 268

1100-394 Lisboa

<http://www.gth-psr.web.pt>

Telef.: 218 864 643

Fax: 218 882 736

ILGA Portugal

Centro Comunitário Gay e Lésbico de Lisboa

Rua de S. Lázaro, 88

1150-333 Lisboa

<http://www.ilga-portugal.oninet.pt>

Tel: 21 887 39 18

Fax: 21 887 39 22

ilga-portugal@ilga.org

Associação de solidariedade social que luta pela melhoria da qualidade de vida, integração e interação da população homossexual, lésbica, bissexual e transgender na sociedade em geral, a Associação ILGA Portugal tem desenvolvido as suas actividades no sentido de provocar uma alteração do preconceito em relação à homossexualidade e também no sentido de lutar contra a discriminação com base na orientação sexual. Entre outras coisas possui vários grupos de interesse, um site e uma linha telefónica de apoio e informação sobre homossexualidade.

OpusGay

Rua da Ilha Terceira n°34-2°

1000-173 Lisboa

<http://www.opusgay.org>

Tel: 21 315 13 96

Mov : 96 655 44 53

Fax: 21 357 15 20

opusgay@opusgay.org

Organização cívica de carácter social criada para promover a solidariedade entre todos os membros da comunidade LGBT e tem por objectivos o apoio e defesa dos direitos humanos, a nível individual e colectivo, das minorias sexuais e étnicas e de intervenção social, laboral, política, ecológica e no domínio da Saúde, sobre os

problemas que afectam em geral a Sociedade e especificamente os que dizem respeito às minorias referidas.

Panteras Rosa

EC Arroios – 1009-001 Lisboa

<http://www.panterasrosa.com>

panteras.lisboa@gmail.com

panterasporto@gmail.com

Associação dedicada ao combate à LesBiGayTransFobia.

Rede ex-aequo

Rua S. Lázaro, 88

<http://ex-aequo.web.pt>

Tel: 96 878 18 41

Fax: 21 887 39 22

redex@ex-aequo.web.pt

A rede ex aequo é uma associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes com idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos em Portugal, que entre outras mantém grupos de jovens locais de apoio em Aveiro, Braga, Coimbra, Évora, Faro, Lisboa e Porto.

Algumas Associações Internacionais

GLAAD

<http://glaad.org>

The Gay & Lesbian Alliance Against Defamation (GLAAD) is dedicated to promoting and ensuring fair, accurate and inclusive representation of people and events in the media as a means of eliminating homophobia and discrimination based on gender identity and sexual orientation.

HRC

<http://www.hrc.org>

The Human Rights Campaign represents a grassroots force of more than 700,000 members and supporters nationwide. As the largest national gay, lesbian, bisexual and transgender civil rights organization, HRC envisions an America where GLBT people are ensured of their basic equal rights, and can be open, honest and safe at home, at work and in the community. HRC envisions an America where gay, lesbian, bisexual and transgender people are ensured equality and embraced as full members of the American family at home, at work and in every community.

IGLYO

<http://www.iglyo.com>

IGLYO is the International Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer Youth and Student Organization. It was created in 1984 as a reaction to the need for better co-operation among local, regional and national LGBTQ (lesbian, gay, bisexual, transgender and queer) youth and student organizations.

ILGA

17 Rue de la Charité

1210 Brussels

Belgium

Tel: +32-2-5022471

Fax: +32-2-5022471

The International Lesbian and Gay Association is a world-wide network of national and local groups dedicated to achieving equal rights for lesbian, gay, bisexual and transgendered (LGBT) people everywhere.

Informação disponível online

Homossexualidade e Psicólogos

<http://www.apa.org/pi/lgbc/guidelines.html>

Human Rights Campaign National Coming Out Day 2006

http://www.youtube.com/watch?v=v9Qep_w6GBE

Informação sobre Homofobia

<http://homofobia.com.sapo.pt>

Portal informativo sobre a comunidade LGBT portuguesa

<http://www.portugalgay.pt>

“Tenho dito que dizer a verdade é algo muito doloroso. Ser forçado a mentir é muito pior.”

Oscar Wilde

“... identifiquei-me mais do que pensei que fosse possível com o teu texto. Eu pensava que era o único que me sentia assim. Que não podia quebrar a minha protecção para que ninguém me visse realmente [...]”

Tudo começou para mim nos meus 14 anos [...] Começaram então os primeiros fantasmas a nascer dentro de mim, mas eu não queria acreditar nisso, não podia ser verdade [...] Os anos foram passando e eu continuava a fingir, para mim próprio, que tudo aquilo era normal, que nada de errado se passava comigo, era nada mais nada menos, uma fase [...]

Sinto [...] que não consigo sair deste ciclo, que estou farto de gritar em silêncio sem que ninguém me perceba [...] Gostava que alguém me percebesse, que me desse o abraço que eu preciso sem querer nada em troca. Alguém que estivesse presente sem exigir contrapartidas ...”

R.C.